

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE ARQUIVOLOGIA**

**Daiane Maciel Matias**

**FUNDO DOCUMENTAL OLIVEIRA SILVEIRA:  
O USO DA HISTÓRIA ORAL COMO COMPLEMENTO DE INFORMAÇÕES PARA  
ACERVOS PESSOAIS: CONJUNTO DOCUMENTAL SEMBA**

**PORTO ALEGRE**

**2024**

**Daiane Maciel Matias**

FUNDO DOCUMENTAL OLIVEIRA SILVEIRA:  
O USO DA HISTÓRIA ORAL COMO COMPLEMENTO DE INFORMAÇÕES PARA  
ACERVOS PESSOAIS: CONJUNTO DOCUMENTAL SEMBA

**Trabalho de conclusão do curso de graduação  
apresentado como requisito para obtenção do  
título de Bacharel em Arquivologia da  
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação  
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.**

**Orientador (a): Prof<sup>a</sup> Valéria Raquel Bertotti**

**PORTO ALEGRE**

**2024**

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

Daiane Maciel Matias

**FUNDO DOCUMENTAL OLIVEIRA SILVEIRA:  
O USO DA HISTÓRIA ORAL COMO COMPLEMENTO DE INFORMAÇÕES PARA  
ACERVOS PESSOAIS: CONJUNTO DOCUMENTAL SEMBA**

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Valéria Raquel Bertotti (Presidente Orientadora)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Sátira Pereira Machado (UNIPAMPA)

---

Prof. Dr. Jorge Eduardo Enriquez (UFRGS)

Porto Alegre, 05 de fevereiro de 2024

Sou

Sou a palavra cacimba  
prá sede de todo mundo  
e tenho assim minha alma:  
água limpa e céu no fundo.

Já fui remo, fui enxada  
e pedra de construção;  
trilho de estrada-de-ferro,  
lavoura, semente, grão.

Já fui a palavra canga,  
sou hoje a palavra basta.  
E vou refugando a manga  
num atropelo de aspa.

Meu canto é faca de charque  
voltada contra o feitor,  
dizendo que minha carne  
não é de nenhum senhor.

Sou o samba das escolas  
em todos os carnavais.

Sou o samba da cidade  
e lá dos confins rurais.

Sou quicumbi e Moçambique  
no compasso do tambor.

Sou um toque de batuque  
em casa gege-nagô.

Sou a bombacha de santo,  
Sou o churrasco de Ogum.

Entre os filhos desta terra  
naturalmente sou um.

Sou o trabalho e a luta,  
suor e sangue de quem  
nas entranhas desta terra  
nutre raízes também.

(Oliveira Silveira)

Dedico esta pesquisa ao meu irmão Jefferson Luis Maciel Matias (in memoriam), por muitas vezes ter colocado minhas necessidades à frente das suas. Meu irmão, eu sou eternamente grata. Amo-te para sempre!

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao Universo por me permitir estar aqui, e aos meus ancestrais que deixaram como herança, o poder da resiliência para enfrentar e superar os momentos difíceis.

Um agradecimento especial a minha mãe, Joana, pois sem ela jamais seria possível. Foi meu braço direito, meu porto seguro, a minha sustentação, mulher que representa o símbolo da resistência e que me mostrou o caminho do bem e da luta;

À minha filha, Sophia, por entender (ou não), minhas ausências de mulher, mãe, trabalhadora, dona de casa, que necessita conciliar todos os papéis, em uma sociedade em que romantizam nossos cansaços e busca pelo sustento diário;

As minhas irmãs, que estão sempre ao meu lado, me dando força e ajudando para que eu siga adiante;

Agradeço à minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Valéria Raquel Bertotti, que sempre esteve presente, com suas valiosas contribuições, para que este trabalho se concretizasse;

À professora Sátira, por toda ajuda prestada, na pesquisa;

À Naiara por retornar de forma solícita e contribuir com sua narrativa oral, mostrando a riqueza da história de seu pai;

À Andrea Ceccon pela parceria, ajuda e ensinamentos diários;

Agradeço a todos, que de uma maneira ou de outra, me ajudaram;

À banca examinadora, por aceitar contribuir com a pesquisa.

Muito obrigada a todos!

**FUNDO DOCUMENTAL OLIVEIRA SILVEIRA:  
O USO DA HISTÓRIA ORAL COMO COMPLEMENTO DE INFORMAÇÕES PARA  
ACERVOS PESSOAIS: CONJUNTO DOCUMENTAL SEMBA**

**AUTORA:** Daiane Maciel Matias

**ORIENTADORA:** Valéria Raquel Bertotti

**RESUMO**

A preocupação com a valorização da história e memória torna-se fundamental para entender o presente. A história oral, fundamentada com pesquisas e documentos, traz contribuições significativas para o resgate da memória. A partir desta premissa, entende-se que a história oral é considerada como fonte identitária de um povo, capaz de retratar as realidades, as vivências, e o modo de vida de uma comunidade em cada tempo e nas mais variadas sociabilidades. Assim, o objetivo é discutir a importância da História Oral para os acervos pessoais. Para atingir o objetivo, buscou-se o levantamento documental no acervo de Oliveira Silveira, em específico, o conjunto documental do grupo Semba, identificando as relações de Oliveira Silveira com entidades coletivas, pessoas e/ou familiares. Como procedimento metodológico trata-se de uma pesquisa bibliográfica documental e exploratória. Para isso, optou-se pelo uso da descrição arquivística, representada pela ISAAR (CPF) - Norma Internacional de Registro de Autoridade Arquivística para Entidades Coletivas de Pessoas e Famílias e entrevista. Como resultados, entende-se a importância de Oliveira Silveira como autor e a importância do Semba como um marco para a representatividade do povo negro. Além disso, a história do grupo Semba mostrada em documentos, relatada por sujeitos que vivenciaram o período preenche lacunas nos registros históricos formais, corrigindo distorções e incompletudes. Ela oferece uma visão complementar aos documentos escritos, proporcionando uma compreensão mais completa e precisa dos eventos e das personalidades que marcaram época.

**Palavras-Chave:** Acervo. Documentos. História Oral. Oliveira Silveira.

**OLIVEIRA SILVEIRA DOCUMENTARY SET:  
THE USE OF ORAL HISTORY AS A COMPLEMENT OF INFORMATION FOR  
PERSONAL COLLECTIONS: SEMBA DOCUMENTARY SET**

**AUTHOR:** Daiane Maciel Matias

**ADVISOR:** Valéria Raquel Bertotti

**ABSTRACT**

Concern with valuing history and memory becomes fundamental to understanding the present. Oral history, based on research and documents, makes significant contributions to the recovery of memory. From this premise, it is understood that oral history is considered as a source of identity for a people, capable of portraying the realities, experiences, and way of life of a community at each time and in the most varied sociability. Thus, the objective is to discuss the importance of Oral History for personal collections. To achieve the objective, a documentary survey was sought in Oliveira Silveira's collection, specifically, the documentary set of the Semba group, identifying Oliveira Silveira's relationships with collective entities, individuals and/or family members. As a methodological procedure, it is a documentary and exploratory bibliographical research. For this, we chose to use the archival description, represented by ISAAR (CPF) - International Standard for Registration of Archival Authority for Collective Entities of People and Families and interview. As a result, we understand the importance of Oliveira Silveira as an author and the importance of Semba as a milestone for the representation of black people. Furthermore, the history of the Semba group shown in documents, reported by subjects who lived through the period, fills gaps in formal historical records, correcting distortions and incompleteness. It offers a complementary view to written documents, providing a more complete and precise understanding of the events and personalities that marked the era.

**Keywords:** Collection. Documents. Oral History. Oliveira Silveira.

## LISTA DE FIGURAS

|   |    |
|---|----|
| Figura 1 - Fotografia retirada do site danças negras do RS, Oliveira Silveira e outros integrantes do Grupo Semba .....   | 37 |
| Figura 2 - Reportagem que saiu no Jornal “O progresso” do dia 09 de setembro de 1987 a respeito da apresentação do Grupo Semba na comemoração de aniversário da Sociedade Floresta Montenegrina na cidade de Montenegro - RS..... | 38 |
| Figura 3 - Pedido de cedência do auditório do Mercado Público em Porto Alegre, para realização da experiência de grupo de dança em 27 de julho de 1982.....   | 40 |
| Figura 4 - Fotografia retirada do site danças negras do RS, Naiara Lacerda e outras integrantes do Grupo Semba. ....  | 41 |
| Figura 5 - Divulgação de oferta de curso de iniciação às danças negras. ....  | 42 |
| Figura 6 - Desenho de figurino de apresentações do grupo Semba. Registro do acervo de Oliveira Silveira. ....   | 46 |
| Figura 7 - Divulgação do espetáculo Semba - Arte Negra. ....  | 47 |
| Figura 8 - Reportagem que saiu no Jornal “Zero Hora” do dia 29 de julho de 1986 a respeito da reapresentação do Grupo Semba no Teatro da Câmara.....  | 49 |
| Figura 9 - Análise e avaliação de Oliveira referente a uma apresentação de Rumba e Samba de roda do Grupo Semba.....  | 50 |

## SUMÁRIO

|          |   |           |
|----------|---|-----------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>11</b> |
| <b>2</b> | <b>CONSIDERAÇÕES SOBRE ARQUIVO X ACERVO .....</b>   | <b>14</b> |
| 2.1      | CONCEITOS E PRINCÍPIOS ARQUIVÍSTICOS: UMA DISCUSSÃO VOLTADA<br>PARA O ACERVO PESSOAL.....                               | 18        |
| 2.2      | ACERVOS PESSOAIS COMO FONTE DE PESQUISA.....  | 23        |
| <b>3</b> | <b>A HISTÓRIA ORAL COMO COMPLEMENTO DE FONTES DOCUMENTAIS.....</b>  | <b>27</b> |
| <b>4</b> | <b>UM ENFOQUE NA VIDA E NA OBRA DE OLIVEIRA SILVEIRA.....</b>   | <b>31</b> |
| <b>5</b> | <b>O USO DA HISTÓRIA ORAL COMO COMPLEMENTO DE INFORMAÇÕES PARA<br/>ACERVOS PESSOAIS: CONJUNTO DOCUMENTAL SEMBA.....</b> | <b>36</b> |
| <b>6</b> | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>  | <b>53</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS .....</b>  | <b>55</b> |
|          | <b>APÊNDICE 1- Termo Livre Esclarecido .....</b>  | <b>61</b> |
|          | <b>APÊNDICE 2- Roteiro da entrevista .....</b>  | <b>62</b> |
|          | <b>APÊNDICE 3- ISAAR CPF.....</b>   | <b>63</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

A sociedade moderna vive em meio a tecnologia, em plena era da informação difundida por inúmeros meios, nos quais a oralidade se destaca neste processo difuso da informação. Embora com a globalização o mundo evolua de forma rápida, existem histórias que são importantes para a valorização de memórias que nenhum aparato ou tecnologia é capaz de mostrar, como a memória construída através de obras históricas e trajetórias pessoais.

Afinal, a valorização da história e memória são fundamentais para entender o presente. Neste sentido, a história oral pode trazer contribuições significativas para o resgate da memória, mostrando-se um método importante para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial como também descobrir e valorizar a memória do homem. Ao falar de acervos pessoais, isto é ainda mais relevante.

Neste contexto, é pertinente lembrar de que a prática da história oral tem origem na oralidade do narrador, mas se desenvolve em direção ao registro escrito do historiador. Este último assume a responsabilidade de preservar, por meio desse registro, as impressões, vivências e lembranças daqueles que escolhem compartilhar suas memórias.

Por outro lado, a história oral não constitui uma narrativa independente ou uma história completamente nova. Em sua perspectiva, a abordagem da história oral deve ser entendida como uma metodologia de pesquisa, sendo considerada uma ferramenta que integra aspectos teóricos e práticos. No entanto, o uso de relatos orais não implica na subestimação das fontes escritas, nem as relega a um plano secundário. Pelo contrário, implica na compreensão de que ambas se complementam mutuamente.

Acredita-se que os de indivíduos que estiveram presentes e vivenciaram momentos na trajetória de vida de Oliveira Silveira podem enriquecer as informações contidas nos registros de seu acervo pessoal. No sentido de estabelecer conexões entre os depoimentos com a trajetória e a evolução dos documentos arquivados no fundo documental do escritor afro-gaúcho. Essa abordagem possibilita contextualizar a historicidades desses conjuntos.

Oliveira Silveira não apenas se destacou como escritor, mas também como símbolo de luta no que tange aos direitos do povo negro. Ele foi um representante significativo do movimento da negritude, desempenhando um papel importante na campanha do reconhecimento do Dia da Consciência Negra em 20 de novembro, data que marca o assassinato do líder do Quilombo dos Palmares.

A partir desta premissa, entende-se que a história oral é considerada como fonte identitária de um povo, capaz de retratar as realidades, as vivências, e o modo de vida de uma comunidade em cada tempo e nas mais variadas sociabilidades. Esse tipo de fonte não só permite a inserção do indivíduo, mas também o resgata como sujeito no processo histórico produtor de suas histórias e feitos do seu tempo.

Sendo assim, esta pesquisa tem como objetivo discutir a importância da História Oral para os acervos pessoais. Para atingir o objetivo, busca-se realizar o levantamento documental no acervo de Oliveira Silveira voltado para o conjunto de documentos do grupo Semba; identificar relações do Grupo Semba e do Oliveira Silveira com entidades coletivas, pessoas e/ou familiares, buscar representar a história do grupo Semba e sua importância.

A metodologia adotada para o desenvolvimento deste trabalho, perpassa diversas etapas, com destaque para a pesquisa bibliográfica e documental, caracterizando-a como exploratória. Além disso, optou-se pela realização de entrevista e pela descrição arquivística, representada pela ISAAR (CPF) - Norma Internacional de Registro de Autoridade Arquivística para Entidades Coletivas de Pessoas e Famílias, a fim de representar as informações e relações identificadas no decorrer da pesquisa.

Dessa forma, o estudo segue uma abordagem predominantemente descritiva e exploratória, com natureza bibliográfica, visando analisar considerações associadas à história oral e à entrevista. A valorização do sujeito da pesquisa, bem como dos 'atores sociais' enquanto indivíduos sujeitos-agentes de sua própria história, é alcançada por meio de relatos orais. Os testemunhos das pessoas que tiveram contato com Oliveira Silveira são considerados cruciais para complementar as informações contidas nos documentos do fundo documental do poeta.

Na busca por artigos científicos, critérios específicos foram empregados, selecionando-os em banco de dados como Scielo e outros disponibilizados pela

Biblioteca da UFRGS<sup>1</sup>, sem recorte temporal. As palavras-chave foram escolhidas em português, e bases de dados como o catálogo da CAPES, Revista Scielo, Lume, Google Scholar, Catálogo de Teses e Dissertações - SABI - Arquivos pessoais - Brapci, além do Repositório FGV Periódicos e Revistas, foram consultadas.

A pesquisa, além de qualitativa, é marcada pelas percepções e interpretações atribuídas pelas pessoas, permitindo inovações de abordagens durante a investigação e possibilitando a (re)construção, conforme proposto por Minayo (2020).

Para a construção do estudo, foi conduzida uma pesquisa documental sobre o acervo, a vida e a obra de Oliveira Silveira, incluindo documentos que retratam sua biografia. A pesquisa documental é definida como "todos os materiais ainda não elaborados, escritos ou não, que podem servir como fonte de informação para a pesquisa científica" (MARCONI e LAKATOS, 2011, p. 43-44).

A pesquisa exploratória, com o objetivo de conhecer melhor o tema, aliada à pesquisa descritiva, que busca aprofundamento no tema, adota metodologias como levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão (GIL, 2007). A expectativa é alcançar resultados que são foco do estudo.

O estudo se justifica por acreditar que a história oral é um importante aporte para enriquecer as memórias físicas, uma vez que os depoimentos são relevantes para a história, dentro de diferentes contextos.

Este, está estruturado em capítulos. O primeiro traz uma definição entre arquivo e acervo com subcapítulos sobre os conceitos e princípios arquivísticos, uma discussão voltada para os arquivos pessoais e os acervos pessoais como fonte de pesquisa. O segundo capítulo aborda a história oral, e, como foi reconhecida como informações válidas para a história. O terceiro capítulo aborda a trajetória de Oliveira Ferreira da Silveira, além de sua vida e obra, e no quarto capítulo pontua-se o uso da história oral como complemento de informações para acervos pessoais: conjunto documental Semba.

---

<sup>1</sup> SABI- Catálogo online. Disponível em: <https://sabi.ufrgs.br/ALEPH/> Acesso em: 30 de dez.de 2023.

## 2 CONSIDERAÇÕES SOBRE ARQUIVO X ACERVO

Quando abordamos a temática dos arquivos pessoais, faz-se necessário distinguir Arquivo e Acervo, dentro de diferentes interpretações onde o assunto se faz presente. Essa distinção deve ser levada em consideração principalmente no momento de elaborar instrumentos para organização e a realização de gestão e pesquisa, de acordo com as peculiaridades de cada um.

O Dicionário de Terminologia Arquivística (2005, p. 27), define arquivo como conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, pública ou privada, pessoa ou família no desempenho de suas atividades independente da natureza do suporte, podendo ser também, a instituição ou serviço que tem por finalidade a custódia, o processamento técnico, a conservação e o acesso a documentos.

Ao conceituar arquivo, a Lei 8.159/91, que dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados, não difere muito daquela que encontramos no Dicionário de Terminologia Arquivística, em seu artigo 2º diz que Arquivo, trata-se de “conjuntos de documentos produzidos e recebidos por órgãos públicos, instituições de caráter público e entidades privadas, em decorrência do exercício de atividades específicas, bem como por pessoa física, qualquer que seja o suporte da informação ou a natureza dos documentos.” (BRASIL, 1991)<sup>2</sup>

Camargo (2009) destaca que os documentos de Arquivo não diferem de outros documentos pelo seu aspecto físico ou por ostentarem sinais especiais facilmente reconhecíveis. O que os caracteriza é a função que desempenham no processo de desenvolvimento das atividades de uma pessoa ou um organismo (público ou privado), servindo-lhes também de prova.

Estes documentos podem ser memorandos, mensagens, telegrama, alvará, circular, fotografia, dentre outros. Estes são caracterizados de diferentes formas, uma é quanto a configuração de sua escrita, ou seja, o seu gênero<sup>3</sup> documental. A partir

---

<sup>2</sup> LEI nº 8.159 de 08-01-1991. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. Disponível em: <http://academica/002749735.pdf> ps://[www.eca.usp.br/acervo/produ](http://www.eca.usp.br/acervo/produ) Acesso em: 12 de out. de 2023.

<sup>3</sup> Segundo o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (p.128) gênero é a configuração que assume um documento de acordo com o sistema de signos utilizado na comunicação de seu conteúdo, a título de exemplo: documentação audiovisual, documentação fonográfica, documentação iconográfica, documentação textual.

das nomenclaturas do Glossário de Terminologia Arquivística (2015), quando se trata de palavras e frases escritas, considera-se o documento como textual, já os documentos que retratam superfícies e estruturas como mapas e plantas, são identificados como cartográficos, e àqueles com imagens estáticas, cartazes e fotografias, por exemplo, são denominados iconográficos.

Dentro de um contexto institucional o arquivo pode constituir-se por um conjunto de acervos, elementos que oferecem uma lógica em sua estrutura. Para uma melhor compreensão, no sentido do arquivo enquanto instituição, cita-se o Arquivo Nacional (AN), localizado na cidade do Rio de Janeiro, instituição de nível federal; o Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERES), localizado na cidade de Porto Alegre (RS), instituição estadual; e os arquivos municipais. Nesta mesma linha de raciocínio o arquivo também pode ser qualquer outro local vinculado a um órgão, entidade, ou mesmo a empresas privadas que desempenham atividades e tem sob sua guarda um acervo arquivístico.

O Arquivo de uma pessoa jurídica consiste em uma disposição lógica em sua formação, sendo que o acúmulo de documentos ao longo dos anos é baseado em uma estrutura organizacional, o organograma<sup>4</sup> que mostra toda a configuração dialética de como funciona uma instituição, como estão dispostas as unidades funcionais, hierárquicas, e como sucede a comunicação entre elas.

Dentro do Organograma, a instituição terá como ferramenta, o fluxograma<sup>5</sup>, recurso que serve para condicionar a rotina das atividades dentro de cada unidade. Ilustra as sequências e decisões de um processo de trabalho.

Assim, se tratando de questões relacionadas à organicidade, o acúmulo de documentos produzidos no âmbito da administração de entidades como as mencionadas, são gerados a partir de mecanismos pré-estabelecidos, proveniente da execução de atividades desenvolvidas de cada unidade, setor ou departamento.

Já Arquivo de Pessoa Física, o conjunto documental, conhecido como arquivo pessoal, diverge da lógica vinculada ao organograma e às rotinas de trabalho ditadas por fluxogramas. Bellotto (2006) o define como a reunião de documentos, materiais audiovisuais ou iconográficos decorrentes da vida e obra de indivíduos como

---

<sup>4</sup> Gráfico da estrutura hierárquica de uma organização social complexa, que representa simultaneamente os diferentes elementos do grupo e as suas ligações.

<sup>5</sup> Um fluxograma ilustra as etapas, sequências e decisões de um processo ou fluxo de trabalho, é a forma mais simples de um mapa de processo. Trata-se de uma ferramenta para planejar, visualizar, documentar e otimizar processos em diversas áreas de conhecimento.

estadistas, políticos, administradores, líderes de categorias, profissionais, cientistas, escritores, artistas, entre outros.

Estes documentos apresentam características únicas, incluindo acumulação e a possibilidade de se tornarem registros de uma entidade custodiadora, porém trazem elementos específicos que os diferenciam dos documentos que “dentro de uma conjuntura arquivística” são caracterizados como documentos de arquivo.

Resumidamente, dentro de cada contexto, o arquivo de pessoa jurídica dispõe de uma estrutura objetiva, hierárquica, sistematizada, e o Arquivo pessoal, subjetiva.

Quanto aos formatos, suportes e gêneros, esses materiais escapam dos padrões convencionais de produção, desvinculando-se de uma organização formal. Dibrate (2015) destaca que esses materiais se transformam em documentos estritamente pessoais, contribuindo para identificação de uma pessoa (ARQUIVO NACIONAL, 2015, p. 78) partindo da lógica que as ações do indivíduo são oriundas do contexto ao qual ele está inserido.

De acordo com o que menciona Campos (2020) a preservação do material está sujeita à apreciação do agente, o que ele julga relevante, levando em consideração influências do contexto social, cultural e as experiências adquiridas por este produtor. Esses materiais surgem de maneira espontânea, sendo produzidos e acumulados de forma não sistemática, escapando às normas legais ou a uma rotina administrativa.

Uma das questões fundamentais a ser considerada, é a presença, nesses espaços, de materiais bibliográficos e museológicos, sendo que tais objetos fazem parte de coleções e, conseqüentemente, compõem um acervo devido às suas características distintivas. Esses objetos refletem aspectos significativos dos agentes envolvidos e mantêm uma relação direta com o conjunto de documentos arquivísticos, ou seja, o arquivo.

Segundo o Dicionário Houaiss, o acervo se define como “grande quantidade, montão, acumulação. Ele faz referência a um conjunto de bens que integram o patrimônio de um indivíduo, de uma instituição ou de uma nação”.

Quanto à estratégia de evolução e enriquecimento do acervo, Cunha e Cavalcanti (2008) a definem como um conjunto de critérios consolidados em um documento, visando assegurar o desenvolvimento sistemático e equilibrado de uma coleção específica. Segundo Dias, Silva e Cervantes (2012, p. 49), a política de desenvolvimento de coleções "é o alicerce fundamental de todo acervo, seja ele físico

ou digital, e é notório que ela está passando por transformações significativas em sua composição".

Para Tatagiba (2017), um acervo está contido em um arquivo. Contudo, ao inverter a ordem dos termos, como exemplificado na frase "um arquivo está contido em um acervo", surge a necessidade de categorizar esse arquivo em um dos tipos de arquivos presentes no acervo. Assim, pode-se concluir que "arquivo" e "acervo" são distintos, embora ambos incluam documentos pessoais.

O termo "acervo", do latim *acervus*, está diretamente relacionado ao conceito de arquivo, que engloba a acumulação, produção, recebimento e recepção de objetos documentais, sejam eles arquivísticos ou não. No entanto, conforme observado por Bellotto (2006), a precisão do termo "acervo" é mais evidente quando aplicado a arquivos privados não institucionais, diferentemente das instituições arquivísticas públicas.

Conforme veremos no capítulo a seguir, durante muito tempo estudos e teorias voltados para metodologias, no que tange a estruturação de acervo pessoal, não foram priorizadas, e com o passar do tempo, devido a necessidade encontrada, muitos debates voltados para este tema foram surgindo.

De acordo com Campos (2020), o acervo pode trazer uma multiplicidade de espécies<sup>6</sup> e esta multiplicidade pode trazer uma maior complexidade no sentido de nomear os tipos documentais<sup>7</sup>. Assim, relacionar estas espécies com as atividades pode afetar a identidade em termos de comunicação, visto que, a dificuldade encontrada quanto às definições das espécies se refletirá na aplicabilidade destas na prática de organização, na estruturação do arranjo, por exemplo.

Por arranjo, segundo Castanho (et. al, 2021), entende-se o processo e o resultado da organização de arquivos, documentos e manuscritos de acordo com princípios arquivísticos consagrados, principalmente o da proveniência. Desta forma, o arranjo é a forma que estão organizados os arquivos e representada a relação entre eles. A seguir, são apresentados os conceitos e princípios arquivísticos com enfoque no acervo pessoal.

---

<sup>6</sup> Divisão de gênero documental que reúne tipos documentais por suas características comuns de estruturação da informação. São exemplos de espécies documentais ata, carta, decreto, disco, filme, fotografia, memorando, ofício, planta, relatório. (Norma Brasileira de Descrição Arquivística, pg 15)

<sup>7</sup> Divisão de espécie documental que reúne documentos por suas características comuns no que diz respeito à fórmula diplomática, natureza de conteúdo ou técnica do registro, tais como cartas precatórias, cartas-régias, cartas-patentes, decretos sem número, decretos-leis, decretos legislativos, daguerreótipos, litogravuras, serigrafias, xilogravuras.

## 2.1 CONCEITOS E PRINCÍPIOS ARQUIVÍSTICOS: UMA DISCUSSÃO VOLTADA PARA O ACERVO PESSOAL

Ao falar em conceitos ou princípios arquivísticos, na visão de Nascimento (2015), estes podem ser definidos como função/intervenção que dá sentido e que preserva o caráter orgânico do conjunto de todo o documento arquivístico e o que delimita e distingue o objeto (informação) da Arquivística de outras áreas da ciência da Informação.

O Arquivamento sugerido por Marcondes, Kuramoto e Sayão (2009), contribui para a memória das publicações, histórias e documentos produzidos pelo sujeito de determinada época. As políticas das instituições podem contribuir exigindo obrigatoriedade do controle de acervo incentivando a pesquisa e, mais que isso, a democratização destas, por meio de mecanismos que possam efetivar o depósito para a guarda, disseminação e visualização (MARCONDES, KURAMOTO E SAYÃO, 2009)

Deste modo, de acordo com Oliveira Marcondes, Kuramoto e Sayao (2009), em 1789, com a Revolução Francesa, houve uma ampliação do que era público, do que era privado. Desde muito antes já havia uma discussão do que é considerado público e privado.

Quando se remete ao termo Arquivística, pode-se tomar a Revolução Francesa (1789 a 1799)<sup>8</sup>, uma vez que o movimento é considerado um marco para esta área do conhecimento. Tal movimento deu início a uma nova era na administração de arquivos. Embora, muitos registros tenham se perdido, visto que intencionava-se apagar da história o regime feudal. No entanto, em determinado momento, o estado passa a assumir seu compromisso em acolher os documentos até então produzidos, levando em consideração o seu valor histórico, e oferecendo ao público, o direito ao acesso (LOPES E RODRIGUES, 2019 p.67).

Atualmente, segundo Oliveira (2015), sabe-se que o direito de acesso à informação é garantido pela constituição brasileira desde que sejam documentos ou fatos de interesse em comum. No entanto, até o final do século XIII, a noção de público, se associava a tudo aquilo que pertenciam aos nobres e não a população em geral (OLIVEIRA, 2015). Portanto, o acesso à informação na época era restrito a uma

---

<sup>8</sup> POSNER, E. Alguns aspectos do desenvolvimento arquivístico a partir da revolução francesa. Acervo - Revista do Arquivo Nacional, v. 26, n. 2, p. 273-284. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/41382>. Acesso em: 20 jul. 2023.

pequena parcela de pessoas, os nobres e o que era de interesse da burguesia. A partir da Revolução, inicia-se um processo em que os arquivos públicos passam a se preocupar cada vez mais com a defesa do direito à intimidade e à privacidade dos titulares da informação que eles passavam a resguardar (BAPTISTA et al.).

Antes o fundamento legítimo para restringir o acesso às informações custodiadas privilegiava um interesse público que na época não se relacionava com a defesa dos direitos dos cidadãos, mas com a manutenção do poder autoritário do rei. Após este momento, o fundamento legítimo para a restrição de tal acesso passava a ser a defesa dos direitos fundamentais dos cidadãos, dentre eles, justamente os relativos à intimidade e à privacidade (INNARELLI, SANTOS e SOUSA, 2007).

Na concepção de Innarelli, Santos e Sousa (2007), após a queda da Bastilha, no final dos anos de 1700, houve outro grande acontecimento: A Assembleia Constituinte francesa, aprovou a declaração dos Direitos dos Homens e do Cidadão. Um dos princípios que ela defende é o de liberdade de expressão afirmando que todos podem falar, escrever e registrar livremente seus pensamentos, devendo, porém, responder pelos abusos desta liberdade.

Assim foram criados alguns regulamentos, para que a sociedade tivesse direitos assegurados quanto ao uso dos documentos, e esses por sua vez, passam a ser considerados como objeto de uso coletivo. Estes regulamentos e/ou normativas foram criados com a finalidade de regulamentar e constituir departamentos institucionalizados para a guarda de documentos e garantir o acesso. Aos poucos, essa prática foi disseminada por toda Europa, de forma simultânea ou, com o decorrer do tempo, fenômeno que ocorria também em outros países.

Neste sentido, atualmente no Brasil, existe a Lei de Acesso à Informação (LAI), Lei nº 12.527/2011, que tem como objetivo garantir o direito constitucional de solicitar e obter informações dos órgãos e entidades públicas, além de empresas e organizações que possuem relação direta com o serviço público (BRASIL, 2011).

Tornar contextualmente compreensível esse histórico torna-se crucial para o entendimento das raízes que influenciaram o desenvolvimento das teorias arquivísticas nos séculos XIX e XX. Isso permitirá uma compreensão mais aprofundada da demora na abordagem de questões relacionadas aos acervos pessoais e aos desafios associados às metodologias específicas para esses tipos de coleções. Dado que os Arquivos, em sua origem, eram estabelecidos pelo estado para

atender às suas necessidades, muitas das metodologias e princípios tradicionais foram concebidos por indivíduos com origens nessas instituições.

Um exemplo emblemático é o Manual dos Holandeses (1898)<sup>9</sup>, que exerceu considerável influência sobre muitas das metodologias arquivísticas. Na segunda metade do século XX, figuras como Sir Hilary Jenkinson, Eugenio Casanova e Theodore Schellenberg, reconhecidos como pioneiros na formulação da parte teórica desses critérios técnicos, e a partir da base teórica formularam o manual. Usando de suas experiências profissionais como custodiadores de corporações de caráter institucional e governamental.

Conforme a Associação Arquivística Holandesa (1973), os arquivos reunidos por pessoas, nem sempre foram considerados objeto de estudo e por muito tempo foram deixados de lado por não serem considerados documentos de arquivo, propriamente dito, não serem produzidos no âmbito das ações de atividades administrativas. Para muitos pesquisadores da área estes conjuntos documentais são considerados destituídos de organicidade, aspecto que define as relações administrativas voltadas para um conjunto de documentos. Eles afirmam também serem estes desprovidos do conceito de proveniência, que evidencia a ordem original dos registros, mantendo sua especificidade dentro do seu ambiente de produção.

Nota-se que os termos, indivíduo, pessoa, privado, não aparecem no contexto de criação de teoria basilar que conceitua arquivo no Manual dos Holandeses conforme o conceito abaixo.

[...] O conjunto de documentos escritos, desenhos ou material impresso, recebidos ou produzidos oficialmente por determinado órgão administrativo ou por um de seus funcionários, na medida em que tais documentos se destinavam a permanecer na custódia desse órgão ou funcionário (ASSOCIAÇÃO ARQUIVISTAS HOLANDESES, 1973, p. 13).

As discussões envolvendo a temática, voltada para arquivos pessoais, conforme registros, tem seu início mais ou menos na metade do século XX, nota-se também que o autor Eugenio Casanova, supracitado, como um dos pioneiros de conceitos basilares, que não abarcavam arquivos pessoais, neste momento já apresenta termos que contemplam o privado.

---

<sup>9</sup> MANUAL, DOS ARQUIVISTAS HOLANDESES. Disponível em: [http://www.arquivo.nacional.gov.br/media/manual\\_dos\\_arquivistas.pdf](http://www.arquivo.nacional.gov.br/media/manual_dos_arquivistas.pdf). Acesso em 03 de jan. 2023., v. 10.

Define Arquivo como: "acumulação ordenada de documentos criados por uma instituição ou pessoa no curso de sua atividade e preservados para a consecução de seus objetivos políticos, legais e culturais, pela referida instituição ou pessoa" (CASANOVA, 1928, p. 9 apud SCHELLENBERG, 2006 p. 37).

O fato de os documentos produzidos nos arquivos de pessoa não corresponderem a uma lógica e ação pré-estabelecida semelhante a institucional, teve como consequências a lentidão em relação a criação de normas que garantisse o acesso aos registros e métodos rigorosos no que tange o processo de organização dos fundos documentais, ou seja, todo um conjunto de técnicas aplicadas em documentos em sua fase permanente quando estes adquiriram, ou foram identificados pelo seu valor secundário.

Se entende por arquivos permanentes, os registros considerados importantes que, após cumprir a função para qual foi criado, passam a ser conservados, levando em consideração o seu valor histórico, informativo, probatório.

Costa (1998), elucida que o acesso a esse tipo de registro sempre foi uma questão complicada. Por mais que a constituição mais recente assegure o direito à informação, a consulta a esses documentos se deu de forma gradativa e, inicialmente, esteve vinculada às políticas internas das instituições detentoras de acervos arquivísticos.

Desde a década de 1980 é notável o crescimento no interesse de historiadores e jornalistas por fontes de caráter privado. No entanto, a falta de leis específicas que norteassem o acesso e o uso dessas informações tornava o processo de pesquisa dificultoso, uma vez que a disponibilização ou não dos documentos ficava a critério dos diretores das entidades responsáveis pelos arquivos. Segundo Gilson Antunes, até aquele momento, os arquivos privados encontravam-se totalmente dispersos e desorganizados (ANTUNES, 1987; COSTA, 1998).

Na metade do século XX, como mencionado anteriormente, os documentos pessoais passaram a receber um olhar mais atento. Isso ocorreu devido à sua importância como fonte de pesquisa, seja no sentido de preservar a memória ou de complementar informações. De acordo com Bellotto (2006), os arquivos oferecem uma perspectiva única para cada pessoa que os consulta, revelando interpretações e visões diversas. Essa multiplicidade de pontos de vista pode resultar em informações altamente relevantes para a sociedade.

Ao considerar o passado, quando as pesquisas em documentos de arquivo eram predominantemente administrativas, a atual necessidade de comunicação entre a arquivologia e outras disciplinas, especialmente sociologia e história, leva a uma abordagem interdisciplinar. Nesse novo contexto, os documentos tornam-se veículos essenciais para divulgar informações inéditas detidas por indivíduos, prometendo trazer novas perspectivas em termos de conhecimento para as ciências, a arte e a sociedade, como ressaltado por Bellotto (2006, p. 266).

Na década de 1960, surgem instituições voltadas para a preservação e difusão de arquivos pessoais, momento em que documentos dessa natureza passam a ter demasiada procura no campo das pesquisas acadêmicas em ciências humanas, conseqüentemente, fortalecendo os debates que influenciaram na evolução das políticas de acervos nestas organizações.

Exemplos notáveis incluem o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB)<sup>10</sup> da Universidade de São Paulo (USP), fundado em 1962, que se destaca como um centro multidisciplinar de pesquisas e documentação, recebendo uma quantidade significativa de documentos pessoais desde a década de 1970.

Cita-se também o Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST)<sup>11</sup>, criado em 1985, que tem como principal objetivo aproximar a sociedade do conhecimento científico e tecnológico, desempenhando um papel fundamental na pesquisa e preservação de acervos. O MAST contribuiu significativamente para a criação de métodos e práticas voltadas para a elaboração de instrumentos aplicados em fundos documentais de natureza privada.

Pontua-se ainda o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC)<sup>12</sup> da Fundação Getúlio Vargas (FGV) que é reconhecido como pioneiro na elaboração de uma metodologia para o tratamento de Arquivos Pessoais. Em 1980, a instituição desenvolveu um manual de procedimentos técnicos para a organização de arquivos privados. Sua quarta versão, oficialmente publicada pela Editora FGV em 1998 (CPDOC, 1998), representa uma das primeiras

---

<sup>10</sup> História do IEB, Institutos de Estudos Brasileiros. Disponível em: <https://www.ieb.usp.br/sobre-o-ieb/historico/> Acesso em 20/09/2023

<sup>11</sup> MAST- Museu de Astronomia e Ciências Afins -Disponível em: <https://www.gov.br/mast/pt-br> Acesso em: 17 de dez. de 2023

<sup>12</sup> FGV, CPDOC, ano. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/acervo/arquivos-pessoais> Acesso em: 20/09/2023.

referências na área especificamente direcionada ao tema dos arquivos pessoais no país (GONÇALVES, 2007).

Na próxima subseção, explora-se o Acervo como fonte de pesquisa, uma maneira de assegurar a continuidade cultural e a ligação entre o passado e o presente, possibilitando o entendimento da nossa cultura e a manutenção de nossas especificidades perante o mundo.

## 2.2 ACERVOS PESSOAIS COMO FONTE DE PESQUISA

De acordo com Bellotto (2006), o valor secundário somente é atribuído aos arquivos de pessoas, que durante sua trajetória de vida alcançaram certa notoriedade, que transcenderam em seu meio, deixando um legado que contribui para o conhecimento em todas as esferas, “enfim, pessoas cuja maneira de pensar, agir, atuar e viver possa ter algum interesse para as pesquisas nas respectivas áreas onde desenvolveram suas atividades” (BELLOTTO, 2006, p.266).

O Centro de Pesquisa Documental da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC) (2023), reitera que a importância desses documentos deve ser manifestada na preocupação com sua preservação, organização e facilidade de acesso ao público. No contexto arquivístico que abarca os arquivos pessoais, surge a preocupação em preservar a memória, pois esses acervos são reconhecidos como uma fonte vital para pesquisas e resgate de informações que permeiam memórias individuais, coletivas e sociais, permitindo a construção do conhecimento em um viés histórico.

A informação passa a ser um elemento essencial na produção do conhecimento, logo, é considerada uma valiosa fonte de pesquisa. A importância de visibilizar esses espaços torna-se ainda mais relevante, quando tratar-se de registros associados a povos que sofreram de forma intencional o apagamento de sua história, assim como a constante tentativa do estado de impedir o protagonismo do povo negro na formação do país, ocultando a contribuição dos escravizados na construção da sociedade, na cultura e economia brasileira (MICHEL, 2010).

Para Oliveira Silveira, “falsificaram os livros de história, trocaram os heróis (...) botaram fogo nos documentos do tráfico e do crime, e então ficamos sendo os que não vieram (...) Ficamos sendo estas ruínas em auto reconstrução (OLIVEIRA SILVEIRA, 2009, p. 81).

Conforme observado por Michel (2010), é evidente a negligência por parte do estado em incentivar a criação de espaços dedicados à memória que identifiquem e valorizem a história negra e sua trajetória. Essas iniciativas desmistificam o mito precursor da democracia racial brasileira, originado após abolição, que retrata a sociedade como uma harmoniosa mistura de raças e origens, sugerindo uma convivência pacífica entre os povos formadores do país. Tal narrativa busca ocultar um passado escravagista e dissimular o persistente racismo enfrentado pela população negra brasileira, silenciando milhares de vozes perante narrativas contadas através de perspectivas que não são as suas.

Essa displicência estatal perpetua a invisibilidade da contribuição negra para a construção do país, desconsiderando a importância de se reconhecer e preservar lugares que evidenciam a riqueza e a diversidade da cultura afro-brasileira. Ao negligenciar a promoção desses espaços de memória, o Estado falha não apenas na representação justa da história, mas também na promoção de uma sociedade mais inclusiva e na conscientização sobre as persistências do racismo (MICHEL, 2010, p.15).

A história ser relatada sobre o ponto de vista de quem detém o poder, é comum dentro de um corpo social dividido em classes, tendo como propósito, manipular aquilo que convém ou não lembrar, pois a interiorização daquilo que é oportuno ocorre através do processo do esquecimento (COSTA, 1997).

Rodrigues (2023, p.12) ressalta que “no Brasil nunca existiu uma política sistemática de preservação da memória negra, devido à desigualdade racial existente no país. Em termos de política de memória, não há política de memória sem política de esquecimento, e quando se trata do protagonismo negro no Brasil, historicamente o que temos é uma prevalência da política de esquecimento.

No período da ditadura militar, na década de 1970, observa-se a reestruturação do Movimento Negro em todo o país. Grupos que foram silenciados durante o regime autoritário mobilizaram-se com o propósito de reivindicar os direitos negados à população afrodescendente e combater o racismo (SANTOS; SILVA; 2017).

Diante desse cenário desafiador, os autores enfatizam ainda que estratégias inovadoras foram adotadas, incluindo a gradual integração de ativistas do movimento nas esferas estatais. Esse momento apresentou diversas oportunidades para o engajamento institucional, que vão desde a possibilidade de participar de conselhos,

fóruns e conferências até ocupar cargos de confiança e colaborar na implementação de políticas públicas (SANTOS; SILVA; 2017).

É relevante ressaltar que a incorporação de acervos, remonta ao período democrático do país, e está diretamente ligada ao crescente fortalecimento do movimento negro ao longo dos anos. Todos os esforços para reconhecer e valorizar a influência da comunidade negra resultaram na preservação desses documentos em diversas instituições custodiadoras (CASAGRANDE,2019).

A luta pela preservação da memória negra é uma luta que visa destacar as táticas de mobilização do movimento negro e seus líderes. Além disso, ela nos permite mergulhar nas trajetórias dos intelectuais, militantes e organizações envolvidas, revelando seu protagonismo e importância histórica. Essa frente de combate é essencial para dar visibilidade a essa herança cultural.

Quando incorporados por instituições de ensino, esses acervos possibilitam ampliar o acesso e a difusão, contribuindo para a democratização da informação. Fortalece o diálogo entre a instituição e os movimentos sociais negros, permitindo a troca de experiência, saberes e demandas, bem como a construção de agendas comuns de interesse público.

Destaca-se entre as Instituições a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) por exemplo que, nos últimos três anos, recebeu em seu arquivo Edgar Leuenroth (AEL) treze novos conjuntos de documentos de intelectuais e ativistas do movimento negro, dentre eles, o acervo de Milton Barbosa (Movimento Negro Unificado - SP), Geledés Instituto da Mulher Negra, Estevão Maya-Maya, José Correia Leite, Quilombhoje (UNICAMP, 2022).

Este projeto, da instituição, chamado Afro Memória, é uma colaboração entre a universidade, o Núcleo de Pesquisa e Formação em Raça, Gênero e Justiça Social do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), e a linha de pesquisa Hip Hop em Trânsito do Centro de Estudo das Migrações do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (IFCH).

Já no Rio Grande do Sul, Machado et al. (2023) relata que em 16 de agosto de 2023 ocorreu a inauguração do espaço que abriga o acervo pessoal do poeta Oliveira Silveira nas instalações da Faculdade de Educação da UFRGS. A sala abriga aproximadamente 21 mil itens, abrangendo uma variedade de documentos, instrumentos musicais, fotografias, vídeos, fitas cassetes, peças de vestuário, objetos decorativos, livros, periódicos e jornais relacionados ao educador da consciência

negra. Esses materiais serão incorporados em diversos projetos voltados para a preservação, conservação e memória.

É impossível abordar questões relacionadas ao movimento negro, sua trajetória e articulações, em Porto Alegre ou no Rio Grande do Sul, sem mencionar Oliveira Silveira. Parte da história deste movimento é contada através dos documentos encontrados em seu acervo. O fundo documental que está em processo embrionário de organização, trata-se de uma expressiva quantidade de registros, que após o tratamento adequado, será disponibilizado para a comunidade.

No entanto, seria necessária uma investigação minuciosa para mapear e tomar conhecimento das instituições responsáveis pela guarda de acervos voltados para esta temática. No entanto, existem muitas espalhadas por todo território brasileiro. Acredita-se que exista uma demanda crescente por esses espaços o que resulta em uma considerável produção de trabalhos acadêmicos, artigos e pesquisas com diferentes objetivos.

### 3 A HISTÓRIA ORAL COMO COMPLEMENTO DE FONTES DOCUMENTAIS

Compreender os processos históricos vividos pelos sujeitos sociais, conforme Martinelli (2018) é um desafio que de forma recorrente se coloca para os pesquisadores que têm real interesse em realizar suas pesquisas no âmbito das práticas sociais cotidianas. Como construção social de sujeitos históricos, tais práticas expressam embates entre grupos sociais. Estão presentes aí dinâmicas cotidianas de homens, mulheres, jovens, crianças que buscam inserir-se no processo social, forjando seus modos específicos de viver, lutar, resistir e de reivindicar direitos. No entender de Freitas (2009), a história oral é um método de pesquisa que utiliza técnica de entrevista e outros procedimentos articulados para produzir relatos de experiências humanas. Pode-se iniciar o entendimento de História Oral a partir da concepção de Vaz (2019). Ele pontua que está se tornou muito importante na América Latina, nos finais do século XX, para a pesquisa histórica, pois incluiu novas possibilidades de pesquisas, em que não mais somente os “grandes acontecimentos” da História Positivista eram importantes para análise.

Com este espaço novo conquistado para a produção de historiografias, a partir dos pressupostos da História Oral, novas discussões entraram em cena, como a história de vida de sujeitos excluídos pela historiografia clássica, sobretudo trabalhadores pobres, negros, indígenas, mulheres, operários, exilados, parte formadora da sociedade cuja voz não interessava à História (VAZ, 2019, p.30). Desde sua origem até boa parte do século XX, a disciplina Histórica escreveu o que necessitava o Estado, a modernidade capitalista, os poderes coloniais, as elites nacionais, para legitimar e fixar sua dominação. Como também implantou uma “política de esquecimento” da presença histórica dos povos tidos como “subalternos”, negando a estes seus caracteres de sujeitos históricos. A História Oral permite entrar em contato com experiências e processos específicos vividos ou testemunhados pelos sujeitos.

De acordo com Rodrigues (2014), ao trazer a história oral para ser trabalhada na recuperação da memória institucional, é deixar viva a própria instituição, é uma maneira de fortalecer a sua estrutura administrativa e histórica. Para que aconteça este trabalho, a preservação da memória é feita através da conservação de fotos, documentos, objetos e os registros dos fatos e tais atividades competem ao arquivista.

Ainda na percepção de Rodrigues (2014), o sujeito da história da instituição também faz parte do resgate e da construção da memória institucional. Porque o trabalho e ações dos servidores de cada instituição foram e são determinados em um tempo e espaço. Esse tempo e espaço representam momentos importantes da instituição, como por exemplo mudanças nas leis, troca de funcionários antigos e experientes por funcionários novos e sem entendimento a respeito da dinâmica e da cultura organizacional.

A história oral surgiu como inovação de pesquisa no âmbito da história. Segundo a tradição registrada pela North American Oral History Association, a história oral, como técnica moderna de documentação histórica, foi estabelecida em 1948 quando Allan Nevins, historiador da Universidade de Colúmbia, começou a gravar as memórias de pessoas importantes da vida americana (QUEIROZ, 1987, p.123 apud RODRIGUES, 2014).

Na sua percepção esta forma de registro de relatos, com o decorrer do tempo transformou-se em entrevista direcionada, que junto com outros documentos ou fontes arquivísticas, serve como prova de fatos e histórias vivenciadas. Esse tipo de pesquisa recebe muitas críticas, entre as quais a de que os dados podem ser facilmente manipulados como estratégias. Para acabar com essas manipulações foi adotado o processo de gravações dos relatos. Oscar Lewis foi pioneiro nesse processo de captação das entrevistas, utilizando fitas para gravar os relatos orais (RODRIGUES, 2014, p.14). Conforme destacado por Portelli (2002), cada evento individual estabelece diversas conexões com eventos mais amplos. Cabe ao pesquisador compreender a interação entre esses fatos, explorando o contexto anterior e posterior à narrativa, incluindo "eventos imaginários e falsas recordações".

Portelli (2002) também enfatiza que a história oral não busca generalizações, mas sim explicações históricas e culturais circunscritas. Compreender as formas peculiares de entendimento da realidade social é crucial para o pesquisador. O discurso humano e o silêncio, como seu contraponto, são recursos valiosos, permitindo trabalhar com a dimensão política da subjetividade, pois os fatos são colhidos pela narrativa dos sujeitos, com todas as suas implicações.

Nesta perspectiva, "a memória não é apenas um lugar para recordar" (PORTELLI, 2002, p. 28) ou para preservar o passado. Muito mais do que isto, é um espaço vivo de lembranças, um processo de atribuição de significados, um rico potencial para conhecermos a história. Freitas (2002) ressalta que pode-se dizer que

a história oral, para fins de pesquisa, é uma fonte, tal qual usamos notícias de jornais, arquivos, cartas e outros documentos. Conforme Grele (1995) apud Freitas (2002, p.17), as pessoas sempre relataram suas histórias em conversas. Em todos os tempos, a história tem sido transmitida de boca a boca.

Pais para filhos, mães para filhas, avós para netos; os anciãos do lugar para geração mais nova, mexeriqueiros para ouvidos ávidos; todos, a seu modo, contam sobre acontecimentos do passado, os interpretam, dão-lhes significado, mantêm viva a memória coletiva. Mesmo na nossa época de alfabetização generalizada e de grande penetração dos meios de comunicação, “a real secreta história da humanidade” é contada em conversas e, a maioria das pessoas ainda forma seu entendimento básico do próprio passado, por meio de conversas com outros (GRELE, 1995, apud FREITAS, 2002, p. 17).

A citação destaca a importância das narrativas transmitidas oralmente ao longo da história. Ela ressalta como as pessoas, desde tempos antigos até os dias atuais, compartilham suas histórias através de conversas. Mesmo em uma era de alfabetização generalizada e disseminação dos meios de comunicação, a verdadeira história da humanidade continua a ser contada principalmente através do diálogo interpessoal.

Sabe-se que a tradição de passar histórias de geração em geração, seja de pais para filhos, mães para filhas, ou de anciãos para os mais jovens, é destacada como uma forma crucial de preservar a memória coletiva. O ato de contar histórias não apenas relata eventos passados, mas também os interpreta e atribui significado, contribuindo assim para a construção do entendimento básico do passado por parte das pessoas.

O manuseio de depoimentos e entrevistas remonta à década de 1970, quando o Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU) em São Paulo já empregava essa abordagem. No entanto, é importante ressaltar que, na época, o CERU não dispunha da inovação metodológica associada à prática da história oral.

Em seu livro “História Oral” Possibilidades e Procedimentos (p.27) de Sônia Maria de Freitas traz uma citação de Paul Thompson, historiador e pioneiro quanto a estudos e reflexões desse método para registros históricos. Ele afirma que “a história oral é tão velha quanto a história”, se voltando para registros de fatos históricos da humanidade, quando Heródoto ouviu testemunhos de seu tempo; Michelet colheu

depoimentos dos que vivenciaram a Revolução Francesa Oscar Lewis, sobre a Revolução Mexicana; Ronald Fraser (2006), sobre a Guerra Civil Espanhola.

O autor se refere à forma empírica do uso da história oral, após a invenção do gravador, antes de a mesma ser adotada e reconhecida como fonte de pesquisa, através da informação coletada por meio de entrevista oral gravada, antes mesmo de a modernização do procedimento, no uso de estratégias, questões práticas e éticas.

O termo 'história oral' é novo, assim como o gravador de fita, e tem implicações radicais para o futuro. Mas isto não significa que ela não tenha um passado. De fato, a história oral é tão antiga como a própria história. Ela foi a primeira modalidade de história. (RONALD FRASER, 2006).

O Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), é reconhecido como pioneiro na criação de acervos de história oral no Brasil, através do Programa de História Oral (PHO), criado em meados da década de 1970. O projeto abarca diversos temas de interesse para a sociedade, tais como política, movimentos sociais e memória. Tópicos que marcaram diferentes períodos da história da sociedade.

Em 1994, foi criada a Associação Brasileira de História Oral (ABHO), composta por pesquisadores voltados para a área de ciências humanas, em sua maioria, historiadores, sociólogos e antropólogos, todos com a mesma finalidade, que é fazer uso da história oral em suas pesquisas. No capítulo a seguir, busca-se trazer um breve relato sobre a vida e obra do escritor Oliveira Silveira Ferreira da Silveira.

#### 4 UM ENFOQUE NA VIDA E NA OBRA DE OLIVEIRA SILVEIRA

Com a ideia de retratar a trajetória de Oliveira Ferreira da Silveira, empreendeu-se uma pesquisa abrangente sobre a vida e a obra do autor, cujo papel desempenha um legado significativo na sociedade, que atualmente serve como fonte de pesquisa.

Machado (2019), dedica-se a examinar a vida e obra de Oliveira Silveira, bem como seu legado. A autora relata que Oliveira nasceu em 16 de agosto de 1941, no 6º Subdistrito de Rosário do Sul, Touro-Passo, um município historicamente habitado por gaúchos, quilombolas e minuanos. Sua ascendência inclui o pai, Felisberto Martins, um homem branco de origem uruguaia, e a mãe, Anair Ferreira da Silveira, uma mulher negra de Rosário do Sul.

De acordo com Machado (2019), Oliveira Silveira cursou o primário em uma escola improvisada por seu pai durante a infância. Posteriormente, na adolescência, frequentou o ginásio na cidade de Rosário do Sul, mudando-se para Porto Alegre em 1959 para continuar seus estudos na área de Ciências Humanas.

Ainda segundo Machado (2019), em 1962, ingressou na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde conheceu Julieta Maria Rodrigues, com quem se casou e teve uma filha, Naiara Rodrigues Silveira. Oliveira graduou-se em letras, Português e Francês, em 1965, passou a lecionar para alunos do ensino médio, consolidando sua carreira como professor do estado. O autor destaca que sua afinidade com a literatura remonta à infância em Rosário, permeada por poesia popular, quadrinhas e versos de polca nos bailes campeiros. Essas experiências foram fundamentais para a formação da base literária de Oliveira (SILVEIRA, 2001, p. 2).

Quanto à sua trajetória profissional, conforme Domingues (2007), Oliveira foi poeta, escritor, pesquisador, historiador e ativista do Movimento Negro. Atuou em diversas frentes, deixando um importante legado, que contribui na luta pelo direito da população negra pela igualdade.

Desde os dezessete anos, quando publicou seu primeiro poema em 1958, até o lançamento de seu primeiro livro, "Germinou", em 1962, Oliveira marcou sua presença no cenário literário.

O estilo de Oliveira, segundo Orixás (2000), é caracterizado por poemas regionalistas, evoluindo para a poesia negra após um processo de conscientização influenciado, entre outros, pelo Movimento da Negritude de língua francesa. Ele também produziu outras obras notáveis, como "Poemas Regionais" (1968), "Banzo, Saudade Negra" (1970), "Décima do Negro Peão" (1974), entre outras.

Ao falar-se do poeta, não se pode esquecer a importância do Grupo Palmares, que teve grande influência em território gaúcho e em outros estados, no sentido de pertencimento e espaço de representatividade.

Foi em 20 de julho de 1971 que quatro rapazes negros fundaram em Porto Alegre o Grupo Palmares, sendo logo acompanhados pela presença atuante de jovens negras e mais outros integrantes. Dentre os fundadores, Oliveira Silveira. O grupo seria reconhecido como o impulsor da proposta do 20 de novembro como o Dia Nacional da Consciência Negra (SILVEIRA, 2023).

Os reencontros com as histórias do Quilombo dos Palmares motivaram a escrita de muitos versos. Oliveira Silveira, afora textos avulsos, dedicou longos anos à escrita do "Poema sobre Palmares". A empreitada começou em 1972 e foi até 1987, quando ele publicou o resultado numa edição independente, desafiando as interdições do mercado editorial à literatura negra.

Em 2019, conforme Silveira et. al (2021), o coletivo Sopapo Poético, por meio do Grupo Palmarinhos, produziu uma literatura dramática para acompanhar a segunda edição do livro, Poema sobre Palmares, impresso pela Editora Alternativa. As sete faixas das gravações foram cedidas por Naiara Rodrigues Silveira Lacerda para serem ouvidas pelo público desta exposição enquanto acompanhavam o passeio por outros documentos que contam a história do Grupo Palmares (SILVEIRA, et. al , 2021).

O grupo Palmares foi influenciado por diversos movimentos, incluindo o Movimento Negro Estadunidense e o TEN (Teatro Experimental do Negro), fundado por Abdias do Nascimento. Trata-se de um movimento Político-Cultural que recebeu esse nome em homenagem ao Quilombo dos Palmares, um local de resistência durante o período escravagista no Brasil (SILVEIRA, et al., 2023).

Para Wolff e Machado (2023), os escritos de Oliveira, como poesias, Coletâneas e Antologias, artigos, reportagens, contos e crônicas foram publicados em veículos como jornais e revistas. Seu legado vai além da poesia, foi por muitas vezes

premiado, devido ao seu trabalho que fortalecia a defesa da causa negra, tendo sempre como objetivo a luta pela igualdade.

Oliveira Silveira também participou de outros grupos, como: *Tição*, revista que teve sua primeira edição em março de 1978 e surgiu como uma das atividades de extensão do grupo *Palmares*, levantando temas relacionados ao racismo na sociedade brasileira. A revista circulou entre os anos de 1978 e 1982 e tinha como responsáveis, os integrantes do grupo *Palmares*. O Grupo *Semba de Arte Negra*, caracterizado por disseminar a cultura negra através da arte da dança (WOLFF e MACHADO, 2023).

A poesia de Oliveira Silveira clama pela urgência de despertar a consciência no negro brasileiro, muitas vezes iludido pelo mito da democracia racial. O poema “Recado” é uma expressão vivida dessa voz conscientizadora. No texto, o eu lírico convoca os irmãos de cor ressaltado no poema *Negro, negra* que diz “Tua existência é uma resistência instigando-os a refletir sobre a árdua batalha de seus antepassados contra diversos tipos de preconceitos, destacando a máxima enfrentando “todos lutaram contra o lema: não cresça, desapareça”.

A voz dirigida ao negro/negra aponta para um futuro repleto de dilemas, ao escolher a “cor e o amor da tua companhia”, colocando diante deles a responsabilidade de decidir se a luta persistirá na próxima geração, ou se será perdida na trilha da história (CADERNOS NEGROS 3, p. 115).

Em 1987, Oliveira criou a Associação Negra de Cultura (ANDC), atualmente responsável pelo projeto que tem como propósito lembrar e homenagear a Liga da Canela Preta. Fundada na década de 1910, com propósito de adversar as ligas que não permitiam a presença de negros em sua formação, a ANDC também é responsável pelo projeto *Negra Aldeia*, informativo que tem o caráter de valorizar e preservar a identidade afro-brasileira. A instituição promove desde 2012 o *Sopapo Poético*, *Sarau de Poesia Negra* (WOLFF e MACHADO, 2023).

Ronald Augusto (2023), caracteriza Oliveira Silveira como um refinado poeta e intelectual negro de destaque. Na aula inaugural dos cursos de Letras e Filosofia, bem como do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, realizada em 22 de fevereiro, Ronald, organizador de “*Oliveira Silveira: Obra Reunida*” (publicado em 2012), compartilhou sua apreciação pela obra do escritor. O evento, apoiado pelo Instituto Estadual do Livro do Governo do Rio Grande do Sul,

ofereceu uma oportunidade para explorar a poesia de Silveira e sua dedicação às questões históricas das populações negras.

Para Ronald Augusto (2023), a obra de Oliveira é marcada pela qualidade poética e seu envolvimento com temas históricos relacionados às comunidades negras. Silveira deixou um legado com 10 títulos de poesia e recebeu homenagens significativas em vida e postumamente.

O crítico cita a complexidade na relação entre visibilidade literária e estereótipos na representação da literatura negra. Ronald Augusto (2023), salientou que, apesar do interesse do sistema na produção literária, é essencial reconhecer que as questões raciais e estéticas podem coexistir, ressaltando a individualidade das produções literárias negras, criticando a tendência de agrupá-las de maneira homogênea, enquanto escritores brancos são tratados de forma mais individualizada.

Ronald Augusto (2023), ressalta a singularidade que permeia a obra de Oliveira Silveira, destaca a intenção do escritor de focar em suas criações mais recentes, rompendo com a ideia de ficar restrito ao passado, expressando a convicção de que, mesmo quando o racismo for superado, a literatura de Silveira continuará sendo relevante.

Entre o período de 2004 a 2006, Oliveira Silveira foi Conselheiro da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República (SEPPIR/PR), integrando, nesse órgão com status de ministério, o Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial (CNPPIR), órgão consultivo. Dentre outras frentes que atuou (WOLFF e MACHADO, 2023).

Em vida, Oliveira Silveira, não somente foi o criador, mas também liderou projetos, instituições e grupos sociais. Alguns existentes até hoje. Existem muitas ações voltadas para a obra do poeta como forma de manter viva sua memória. Algumas destas foram criadas pelo próprio escritor, onde familiares, amigos e simpatizantes estão dando andamento aos projetos, como o caso da Associação Negra de Cultura (ANDC).

Outras, foram criadas após a morte de Oliveira Silveira em 2009, como forma de manter vivo seu legado, a título de exemplo, o projeto de extensão universitária, que tem por objetivo a oferta de um curso por meio de ambiente virtual, que permite ao público ampliar seus conhecimentos sobre a vida, a obra e a consciência negra do poeta afro-gaúcho Oliveira Silveira, vinculado também ao projeto de digitalização do acervo pessoal (MACHADO, 2020).

Oliveira Silveira faleceu em 01 de janeiro de 2009, com 67 anos de idade, vítima de câncer. Foi enterrado na sua terra natal, Rosário do Sul. No local, foi colocado uma placa de reconhecimento, como cidadão ilustre (MACHADO, 2019).

## 5 O USO DA HISTÓRIA ORAL COMO COMPLEMENTO DE INFORMAÇÕES PARA ACERVOS PESSOAIS: CONJUNTO DOCUMENTAL SEMBA

Para chegar aos resultados, usou-se como fonte de pesquisa, o aporte de autores, documentos do acervo pessoal de Oliveira Silveira, além da entrevista com sua filha, Naiara Silveira Lacerda. A filha do escritor comentou sobre o legado do poeta e sua contribuição para o povo negro, principalmente a criação do grupo Semba, que foi responsável pela congruência e representatividade do negro, suas expressões culturais, empoderamento, pertencimento e disseminação da cultura negra.

Dentre inúmeras contribuições, acessíveis por meio de fontes documentadas e relatos orais sobre o autor, destaca-se a fundação do grupo Semba. O termo refere-se a um estilo musical e de dança tradicional de Angola popularizado nos 60 naquela região, cujo nome significa “umbigada” em Kimbundo representando “o contato do corpo do homem com o corpo da mulher ao nível da barriga” (DICIONÁRIO DE DANÇAS AFROS, 2016).

Conforme Silva (2021), o estilo musical "Semba", com raízes profundas na expressão cultural quimbundo, transcende o oceano Atlântico e desembarcou no Brasil junto com os escravizados no século XVI. Inicialmente surgindo como "bataque", uma manifestação de protesto contra a escravidão. Foi fundamental para a base do samba brasileiro. O termo "Samba" foi adotado somente no século XX, apesar de existirem registros do uso da palavra desde o século XVII para denominar celebrações festivas.

Em uma fala de Oliveira (1995), ele relata que o Semba enquanto dança, não é apenas uma forma de entretenimento, mas uma expressão profundamente enraizada na identidade do povo negro. Esta manifestação artística vai além do ritmo contagiante e dos passos envolventes; ela carrega consigo a história, a resistência e a celebração da herança africana, como pode-se observar na Figura 1 a seguir.

Figura 1 - Fotografia retirada do site danças negras do RS, Oliveira Silveira e outros integrantes do Grupo Semba



Fonte: Acervo Oliveira Silveira

O Grupo Semba, dedicado à arte negra, emergiu como um Grupo Experimental de Arte em Porto Alegre, durante uma I Experiência de Jogo e Outras Danças de Raiz, liderada por Oliveira e sua filha Naiara. Outras pessoas também contribuíram para impulsionar o trabalho inicial chamado Grupo Cultural Semba, que posteriormente, em 1983, passou a chamar-se somente Semba. (OLIVEIRA SILVEIRA, 2000)

Ao longo dos anos, o Semba realizou apresentações em teatros, escolas, eventos do movimento negro e eventos próprios. Em 1987, a convite do grupo afro Agbara Dudu, visitaram o Rio de Janeiro para participar da Noite da Beleza Negra. Em 1988, percorreram o interior do estado do RS, incluindo cidades como Quaraí, Pelotas, Caçapava, Rosário do Sul e Ijuí, como mostra a Figura 2 a seguir.

Figura 2 - Reportagem que saiu no Jornal "O progresso" do dia 09 de setembro de 1987 a respeito da apresentação do Grupo Semba na comemoração de aniversário da Sociedade Floresta Montenegrina na cidade de Montenegro - RS.

*O Progresso,  
Montenegro, 9-9-1987*

## SOCIEDADE FLORESTA COMEMORA ANIVERSÁRIO



Grupo SEMBA

Dentre as festividades de aniversário da Sociedade Floresta Montenegrina, destacamos o Jantar de Aniversário que se realizará no próximo dia 12 em sua sede social.

Muitas atrações estarão reservadas para este dia: Desfile de modas de SUZY MOOAS e VIA BRASIL.

Escolha da Namorada do Clube

Apresentação do Grupo de Danças Afro SEMBA

O início da festa será às 21 horas, e após o Jantar haverá um Pagode, com animação dos Pagodeiros da Casa.

Para esta festa, os convites em números limitados, poderão ser obtidos com a srta. Ines dos Santos, Isabel Cristina, Clori Conceição ou na sede do Clube, até o dia 11. Os convites podem ser adquiridos por pessoas não sócias.

Para aqueles que comparecerem ao jantar, assistirão dois espetáculos dignos de uma festa de Aniversário da Sociedade.

O desfile de modas, sob o comando de SUZY ESCOBAR, a mesma estilista que confeccionou os trajes de publicidade da PEPSI COLA para a televisão, e os manequins serão todos de Montenegro.

Mas o outro espetáculo que promete para a noite é a apresentação do Grupo de Danças africanas SEMBA, sob a direção do Professor e poeta OLIVEIRA SILVEIRA. O Grupo Semba no final do mês passado representou o RGS na grande festa Afro-Brasileira no Rio de Janeiro, sendo suas apresentações muito elogiadas pela crítica especializada. O professor Oliveira Silveira encontra-se atualmente em Petrópolis, no Rio de Janeiro, participando do Congresso Nacional de Poetas Negros, mas sábado estará em Montenegro, dirigindo e participando do show do Grupo Semba fundado por ele.

O Grupo Semba desempenhou um papel crucial como uma das principais bases da Associação Negra de Cultura, projeto que estava sendo implantado na época. Buscando vivenciar e transmitir conteúdos culturais negros com simplicidade e autenticidade, o grupo representa um papel, uma parte fundamental do cenário cultural da cidade (OLIVEIRA SILVEIRA, 2000).

Para Sousa e Hunger (2019), é um legado significativo na cultura, especialmente para o povo negro, sendo uma expressão de ritmos e cores. Reconhecido como um meio propício para intervenções sociais, a dança não apenas dissemina conhecimento, mas também promove a apreciação de diversas culturas por meio de uma interpretação crítica do mundo.

Em uma entrevista informal realizada com Naiara Lacerda em 05/12/2023, a filha de Oliveira Silveira expressou orgulho ao narrar a trajetória do Grupo Semba. A entrevista revelou o sentimento de união, respeito e pertencimento compartilhado por todos os envolvidos.

O Semba foi criado em 1979 com alguns membros do Grupo Palmares. Este terminou em 1978, vindo a se transformar no GT Palmares - Grupo de Trabalho Palmares". Como as pessoas não seguiram no grupo, Oliveira passou a direcionar o seu olhar para os jovens negros da escola onde ele lecionava, que ao seu ver estavam muito isolados, acanhados, então teve a ideia de convidá-los para fazer parte dos encontros (SILVEIRA, 2023).

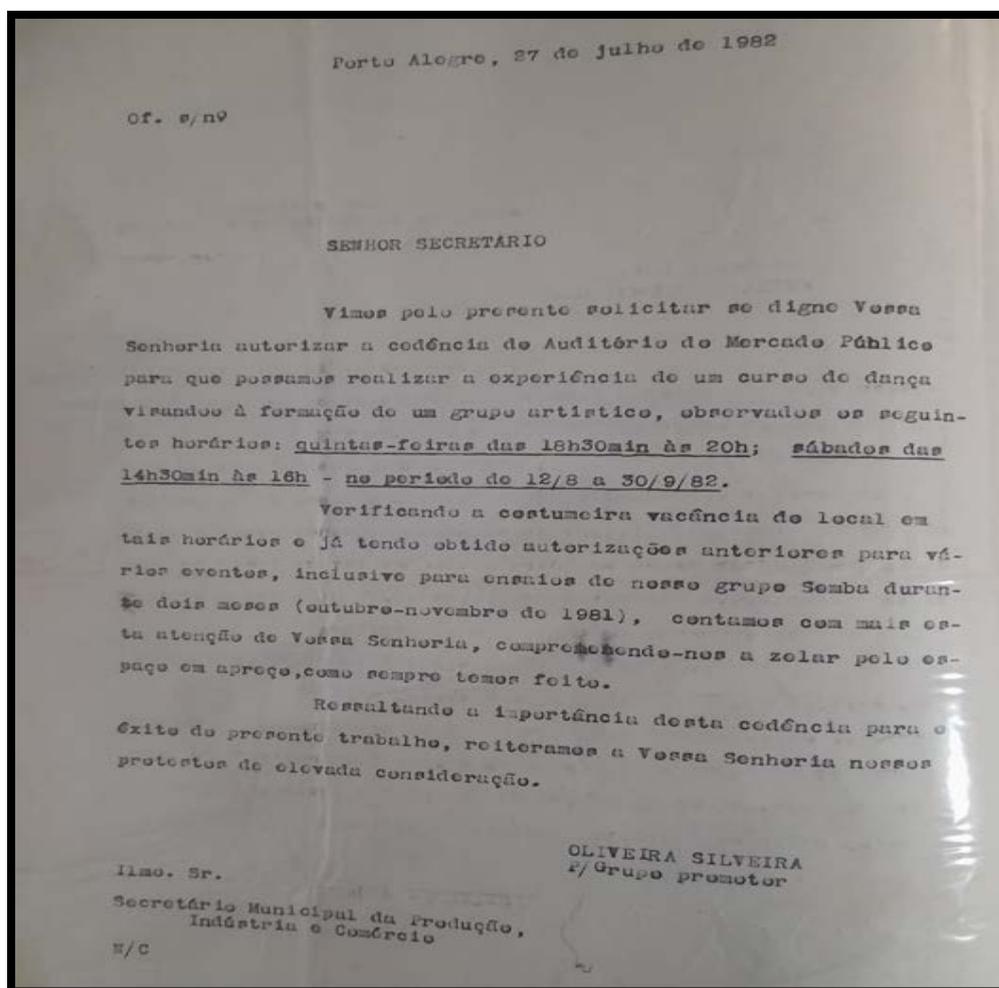
Naiara (2023) diz que, no início, os encontros eram realizados na casa de Oliveira, onde mora atualmente, e se reuniam também na Escola Estadual Professor Júlio Grau, localizada no bairro Santa Maria Goretti, em Porto Alegre. Depois, passou a ser em uma sala nos autos do Mercado Público em Porto Alegre, antes da reforma realizada no local. Este lugar servia para tudo, ensaios, reuniões, lançamentos de livros.

O Semba não tinha sede própria, no início, os encontros eram realizados em espaços cedidos temporariamente. Oliveira costumava formalizar os pedidos de cedência de espaço, no acervo do poeta é possível identificar estes documentos, padronizados que eram enviados por ele ou por membros do grupo aos responsáveis pelos locais.

"O ensaio aconteceu em vários locais, como nos autos do mercado público, Escola Júlio Grau, Hotel Majestic. Mais tarde passou a ser na Casa de Cultura Mario Quintana, na Andradas (NAIARA, 2023).

Naiara (2023) conta que, mesmo quando não havia necessidade, ele fazia, o que identifica a seriedade e o respeito no tratamento com os envolvidos e na maneira com que ele conduzia os projetos, conforme Figura 3 abaixo.

Figura 3 - Pedido de cedência do auditório do Mercado Público em Porto Alegre, para realização da experiência de grupo de dança em 27 de julho de 1982.



Fonte: Acervo Oliveira Silveira

Pouco tempo depois da criação do Semba, aquele grupo que começou com pessoas da idade de Oliveira, foi se transformando em um grupo de adolescentes.

Naiara, que dominava e se identificava com a dança, começou a se envolver mais com o grupo, trabalhando com a parte de dança, ginástica e outras atividades que lhe cabiam (NAIARA 2023). A Figura 4 a seguir, mostra alguns integrantes do Grupo Semba.

Figura 4 - Fotografia retirada do site danças negras do RS, Naiara Lacerda e outras integrantes do Grupo Semba.



Fonte: Acervo Oliveira Silveira

Muitos registros encontrados no acervo de Oliveira, referentes ao grupo Semba principalmente os relacionados a divulgação das oficinas e apresentações, menciona Naiara, como monitora, componente de espetáculos, participante de projetos, assim como mostra a Figura 5 a seguir.

Figura 5 - Divulgação de oferta de curso de iniciação às danças negras.

**CURSO DE  
INICIAÇÃO ÀS  
DANÇAS NEGRAS**

---

jazz . afro-brasileira . afro-hispânica . ginástica

---

Duração: 27/8 a 30/9/82.

Horário: quinta-feira das 19h às 20h<sup>30</sup>min;  
sábado das 15 às 16h.

Local: Auditório do Mercado Público,  
sala 69, altos do mercado.

Orientação: SANDRA H. S. MACIEL,  
professora de dança e educação física;  
OLIVEIRA SILVEIRA, escritor, professor  
e estudioso de cultura negra; e  
MAIARA RODRIGUES SILVEIRA (monitora),  
estudante, 8 anos de dança.

Apresentações: ao fim de cada unidade e  
ao final do curso com todo o repertório.

Inscrições: no local dia 19/8, quinta-feira às  
19 h. (Cr\$ 1.600,00 para todo o curso.)

Objetivos: proporcionar uma prática ginástica  
saudável e um lazer criativo; lançar  
bases para a formação de um conjunto de  
dança afro integrado por bailarinos  
negros; divulgar de forma criteriosa as  
danças de origem negra.

MALHA... MEIA... SAPATILHA...  
INSCREVA-SE E PARTICIPE!

Fonte: Acervo Oliveira Silveira

Conforme Naiara (2023), em 1984, 1985 o Semba passou por transformações significativas, os adolescentes que passaram a fazer parte da atual formação, trouxeram nova energia ao grupo. Em 1988 o grupo intensificou seu trabalho, fazendo viagens para mostrar sua arte e sua dança. A força de vontade passou a se refletir no belo trabalho que foi realizado, estreitando a relação do grupo, dentro e fora dos espetáculos, pois são amigos até hoje. Na época, o grupo até mesmo uniu casais.

Naiara (2023) destaca ainda, que o Semba foi um divisor de águas na vida de muitos, empoderando os jovens negros e fortalecendo suas raízes. A experiência proporcionou confiança, união e um sentimento de proteção mútua.

O grupo desempenhou um papel crucial na formação de profissionais, ela traz o exemplo de Lu Bento, se referindo a ela como fruto do Semba, uma pessoa que passou de integrante do Semba a uma respeitada professora de dança afro em sua academia “Criativus” localizada na cidade de Cachoeirinha - RS, refletindo o impacto positivo do Semba nas vidas dos participantes. Todos os componentes que passaram pelo Semba, ressaltam a importância desta vivência em suas vidas. A experiência, segundo Naiara, lhe fortaleceu, assim como aos demais, evidenciando a continuidade de legados importantes.

Eu fui me aperfeiçoando, porque eu tinha muita experiência em balé, depois em dança contemporânea. Aí nós viajamos para Bahia eu e meu pai em 1984, e eu vim da Bahia com uma carga muito grande de conhecimento de Afoxé, de bloco Afro, e aí nós trouxemos isso. (NAIARA, 2023).

Naiara ressalta ainda “numa época em que não se falava em Daniela Mercury, o grupo Semba já cantava músicas do Ilê nos seus espetáculos, já fazia apresentações de Afoxé. E eu só me aperfeiçoei” (NAIARA, 2023).

Nesta época, manifestações culturais originárias de povos afro descendentes eram mais presentes na Bahia. Já o Sul, propositalmente, ainda nos dias atuais, é conhecido culturalmente por influências dos povos europeus, os imigrantes alemães, italianos, poloneses, dentre outros.

O fato de Naiara e Oliveira quererem dividir e propagar este conhecimento, é uma forma de fortalecimento para ocupar o espaço que lhes é devido, se fazer presente, tornar-se legítimo. “Subsequentemente, em conjunto, poderiam pleitear um maior respeito à sua dignidade, uma vez que os indivíduos de ascendência negra sempre tiveram que construir seus espaços para mostrar suas culturas e crenças” (JESUS, 2015).

É compreensível, na visão de Jesus (2015), que essa expressão se dê por meio da dança, destacando-se o papel significativo que ela desempenha, desde os tempos dos escravos, que a consideravam uma forma de escapar das dores e aflições, até a religiosidade, que se manifesta como rituais envolvendo o corpo.

Além disso, para o autor, a dança é uma poderosa ferramenta de resistência e empoderamento para o povo negro. Desde os tempos da diáspora africana, a dança tem sido um ato de libertação, uma forma de preservar a dignidade e reivindicar a própria humanidade em meio à opressão. Os ritmos pulsantes e os movimentos cheios de significado representam uma afirmação da existência e da capacidade de transcender as adversidades.

Para Jesus (2015), ainda há lacunas a serem preenchidas para uma compreensão mais profunda da questão racial, especialmente considerando que a discussão sobre os aspectos históricos de seus antepassados começou apenas nos últimos anos, em termos de legislações e direitos à igualdade, os quais nem sempre se concretizam na prática.

O contato com essa narrativa histórica tem suscitado questionamentos e reflexões entre os membros do Semba, não apenas fortalecendo a afirmação de sua identidade negra, mas também levando à reavaliação desse aspecto identitário (JESUS, 2015, p.9).

Depois veio para Porto Alegre o Moa do Katendê<sup>13</sup>, ele foi uma das pessoas que me ensinou muito sobre dança Afro, ele que me deu toda base de conhecimento de dança Afro, infelizmente aconteceu o que aconteceu com ele. Eu aprendia e trazia para o grupo, a dança dos orixás, a dança de cada ritmo afro, para mim foi um grande aprendizado ser aluna dele. (NAIARA, 2023)

Entende-se que estas memórias, são importantes e podem ser lembradas, o que evidenciou-se na entrevista de Naiara, e marcam o engajamento de pessoas que contribuíram para a cultura e luta da comunidade negra.

“Eu preciso falar isso, a minha mãe, Julieta era a costureira oficial do grupo, o pai desenhava as roupas, e ela quem fazia, era uma colaboradora e tanto” (NAIARA,2023).

Denota-se que, para além de um fato ou versão histórica, esse acontecimento está pleno de significados para as pessoas que hoje o interpretam. As memórias individuais, como as lembranças da mãe de Naiara costurando roupas, tornam-se

---

<sup>13</sup> Romualdo Rosário da Costa, conhecido como Mestre Môa do Katendê, foi um compositor, percussionista, artesão, educador e mestre de capoeira brasileiro. Considerado um dos maiores mestres de capoeira de Angola da Bahia, começou a praticar capoeira aos oito anos de idade, no terreiro de sua tia, o Ilê Axé Omin Bain.

elementos fundamentais que contribuem para o senso de união e coletividade do grupo.

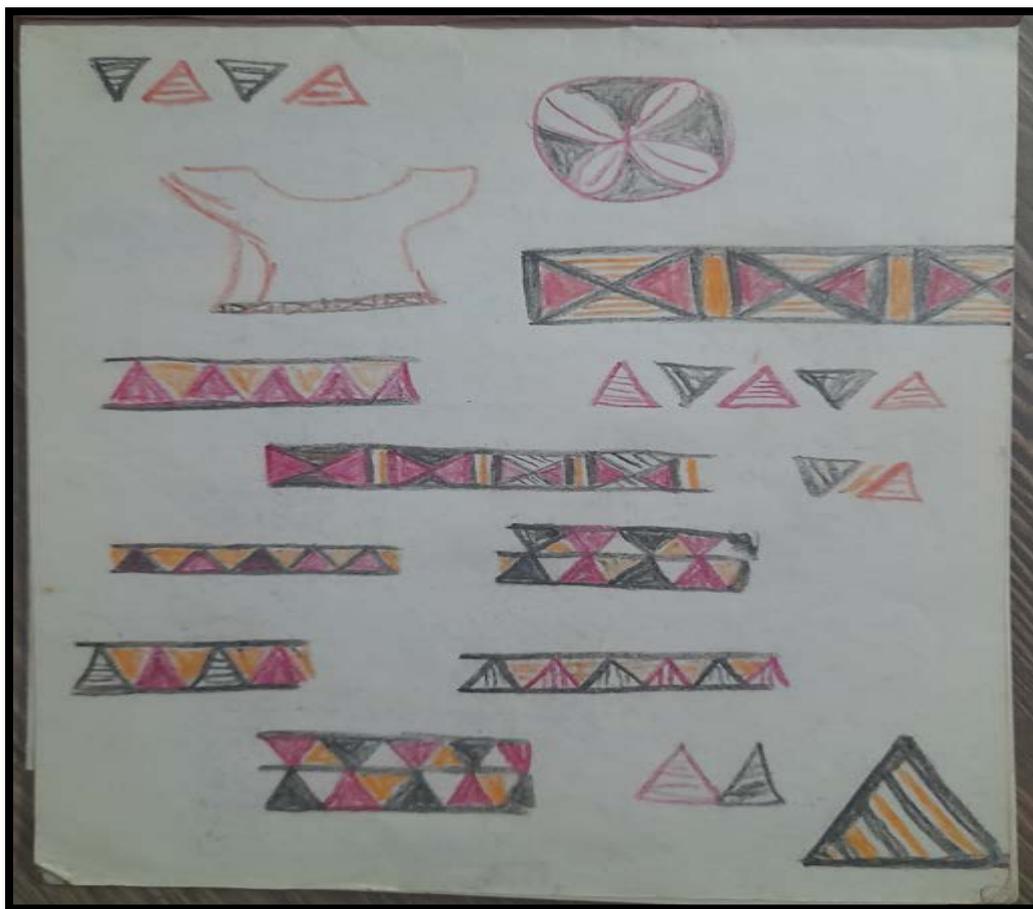
Neste sentido, as memórias individuais desempenham um papel fundamental na formação da identidade e na compreensão da própria vida de uma pessoa. Elas são essenciais para diversos aspectos, tanto a nível pessoal quanto social.

Compartilhar memórias cria uma base para a conexão interpessoal. Ao relembrar eventos compartilhados, as pessoas fortalecem laços com amigos, familiares e comunidades. Essas histórias compartilhadas promovem empatia e compreensão mútua (Grifos da Autora).

Portanto, as memórias individuais contribuem significativamente para a construção da identidade de uma pessoa. Elas ajudam a definir quem somos, nossos valores, crenças e personalidade. Ao refletir sobre eventos passados, as pessoas moldam sua narrativa pessoal e desenvolvem uma compreensão mais profunda de si mesmas.

No acervo do escritor, encontram-se esboços e desenhos de figurinos utilizados nas apresentações do grupo, criados pelo próprio Oliveira. Essas memórias coletivas, conforme definido por Jesus (2015), são construídas a partir de memórias individuais entrelaçadas nas relações sociais. A figura 6 a seguir, mostra esses esboços.

Figura 6 - Desenho de figurino de apresentações do grupo Semba. Registro do acervo de Oliveira Silveira.



Fonte: Acervo Oliveira Silveira

Destacado em muitos documentos encontrados no acervo de Oliveira Silveira, o grupo era alicerçado na pesquisa, concentrava-se nas expressões artísticas afrodescendentes em níveis nacional e internacional. Temas africanos e afro-brasileiros convergem com poemas de autores negros, incorporando diversas formas artísticas como dança, música, literatura, samba de roda da Bahia, jongo da região sudeste do país, lundu antigo e semba de Angola. A Figura 7 traz esses elementos.

Figura 7 - Divulgação do espetáculo Semba - Arte Negra.

**SEMBA**  
 arte negra

SEMBA - ARTE NEGRA é o espetáculo que o grupo Semba apresenta dias 9 e 16 do corrente às 20h no Teatro de Câmara (rua da República). O show consta de dança afro e moderna juntando motivos coreográficos tradicionais e criações livres feitas pelo grupo.

Trabalho iniciado em 1979, o Semba vem mantendo uma linha de atuação baseada na simplicidade e alicerçada na pesquisa, que tem como foco principal as manifestações artísticas do negro, não só a nível nacional mas também internacional. Temas africanos e afro-brasileiros aliam-se a poemas de autores negros, integrando artes como a dança, a música e a literatura. O samba-de-roda da Bahia, o jongo da região sudeste do país, o antigo lundu, <sup>no Brasil no séc. VII</sup> ou o semba de Angola são exemplos de danças tradicionais montadas pelo grupo. Atabaques e outros instrumentos de percussão alternam-se com a música mecânica de coreografias modernas. Berimbau e atabaque formam o símbolo do grupo, mas o berimbau não é usado porque, tendo sido encomendado da Bahia, chegou pela metade: o arco perdeu-se num voo da Transbrasil em janeiro, quando a passageira portadora foi impedida de transportá-lo em mãos. A empresa não soube dar conta da peça nem a restituiu, ficando o grupo com parte do seu trabalho prejudicada.

Semba identifica-se como grupo negro e os componentes que atuam no espetáculo são: Andréa Santos da Silva, Carla Rejane Goulart Bandeira, Carmen Regina Goulart Bandeira, Fladimir Rogério dos Santos Goulart, Hamilton Marques da Silva, Jorge Augusto da Silva Goulart, Júlio Cezar dos Santos Goulart, Kátia Rosane Goulart Bandeira, Najara Rodrigues Silveira e Oliveira Silveira.

Os ingressos podem ser adquiridos no local do show ou antecipadamente com integrantes do grupo ao preço único de 20 cruzeiros. Quem chegar antes poderá ver e comprar livros de autores negros expostos no teatro.

BIBLIOTECA ZAVATTI  
PA, 3-6-1987

(segunda)

Fonte: Acervo Oliveira Silveira

É importante enfatizar que quando é citado que o grupo é alicerçado na pesquisa, cada dança, cada apresentação o grupo sabia muito bem o que estava fazendo, o que estava representando, o pai dava este suporte para nós, no sentido de onde era originário aquela dança, aquele ritmo, como é cantado, como se dança, os meninos tocavam e eles sabiam o que estavam tocando, ninguém dançava por dançar, ou cantar por cantar, tudo era muito embasado. Apesar de serem jovens, tinha-se todo um respeito pela dança dos orixás, uma reverência. Oliveira sempre enfatizava a questão do respeito no grupo (NAIARA, 2023).

Carvalho (2000) destaca que, através de entrevistas, obtêm-se ingredientes da memória oral que podem ser confrontados com documentos históricos da época. A abordagem da história oral revela elementos cruciais para entender como as pessoas recordam e constroem suas identidades étnicas.

A respeito do contexto histórico de acúmulo dos documentos, segundo Naiara (2023), o pai não guardava esses documentos por guardar, ele nunca falou, mas Oliveira não fazia nada sem um propósito, e ele guardava tudo, pois sabia da importância de preservar esses documentos para o futuro, porque ele sofreu muito como pesquisador, pela falta de documentos, pela falta de entrevistar uma pessoa detentora de informações. Ele dava muita importância para isso, pois como foi difícil para ele, o intuito era facilitar a pesquisa para novas gerações. Assim que surgiu o acervo (NAIARA, 2023).

Naiara (2023), pontua que a primeira organização do acervo de Oliveira Silveira foi realizada por Eliane Gonçalves, membro atualmente da Associação Negra de Cultura, a pedido de Oliveira, Eliane catalogou alguns materiais que fazem parte da coleção.

Meu pai trabalhou na criação, produção de materiais. Ele ia com um gravador entrevistar pessoas, assim como em rodas de samba. Nas viagens ele pesquisava, e ia para São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia... (NAIARA, 2023).

Ela reafirma que o Grupo Semba passou a ser vinculado à Associação Negra de Cultura, após a sua criação em 1987, instituição em que é presidente atualmente e com relação ao processo de institucionalização do acervo, até o encaminhamento do material para o setor de memória da Faculdade de Educação da UFRGS em agosto de 2023, ela ressalta que havia uma preocupação em manter esses documentos para que eles fossem preservados e disponibilizados para pesquisa, pois a ideia não era

mantê-los entre quatro paredes NAIARA (2023). Oliveira Silveira sempre divulgou sua arte, e falas, como podemos observar na Figura 8 abaixo.

Figura 8 - Reportagem que saiu no Jornal “Zero Hora” do dia 29 de julho de 1986 a respeito da reapresentação do Grupo Semba no Teatro da Câmara.



Fonte: Acervo Oliveira Silveira

O Semba existiu até 1996, acredito que em média 40 pessoas passaram pelo grupo no período de sua existência. (NAIARA, 2023).

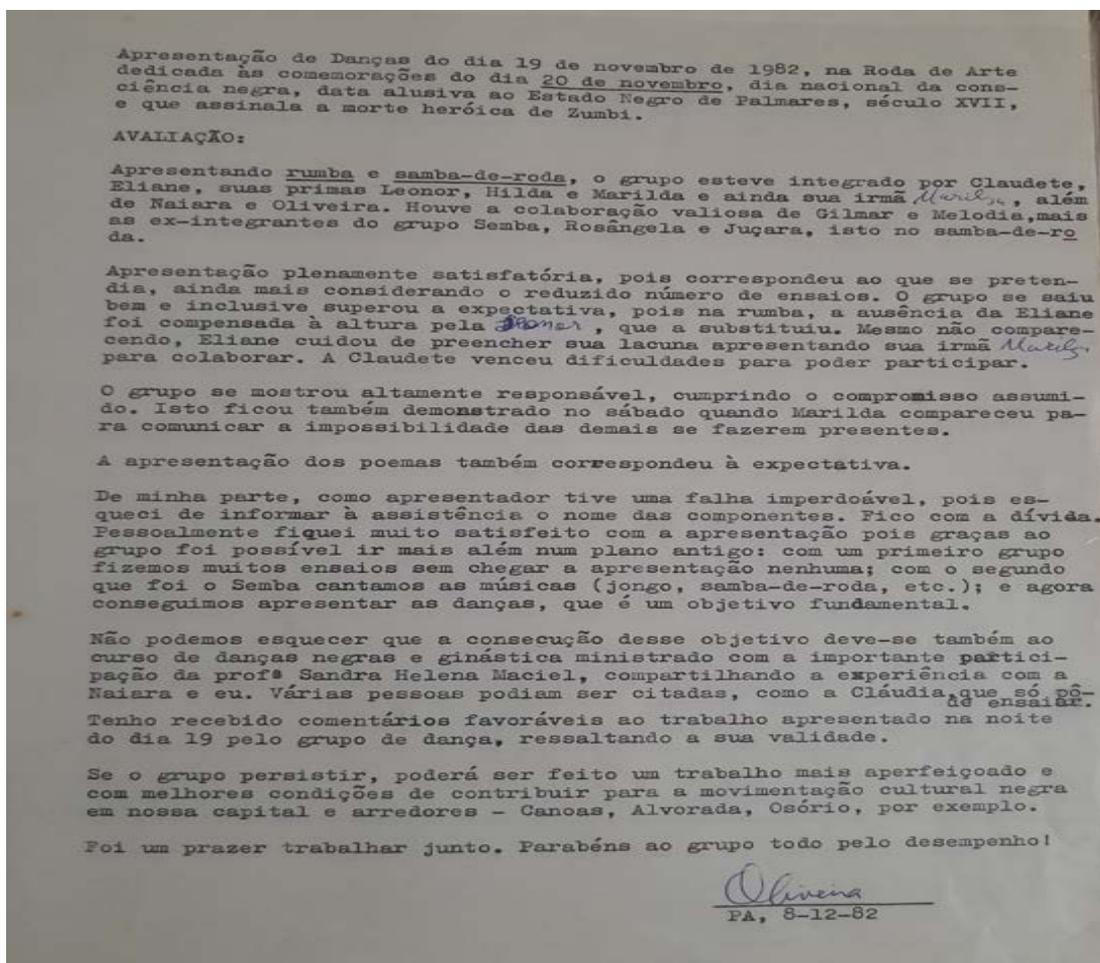
O critério para fazer parte do grupo era através de convite, mediante a participação do candidato e aprovação do conjunto. A maioria das pessoas que fizeram parte da formação do grupo por mais tempo, são oriundos da Vila Farrapos, em Porto Alegre, eram amigos, uns foram trazendo outros, diz Naiara (2023).

As divulgações eram feitas no boca a boca, e também através de materiais impressos feitos pelo próprio Oliveira, o mesmo costumava ficar na esquina da Avenida Borges de Medeiros em Porto Alegre, distribuindo panfletos, fazendo convites para pessoas se juntarem ao grupo (NAIARA, 2023).

A respeito dos documentos presentes no acervo, referente às avaliações após apresentações, Naiara complementa que, Oliveira costumava dar um retorno quanto a performance do grupo, de forma oral ou por escrito, pontuava o que havia de positivo

e o que era necessário melhorar, sempre de forma delicada e respeitosa, ele tinha um jeito especial, ressalta Naiara (2023). Na Figura 9.

Figura 9 - Análise e avaliação de Oliveira referente a uma apresentação de Rumba e Samba de roda do Grupo Semba.



Fonte: Acervo Oliveira Silveira

No final da década de 1980, o Semba ocupou as dependências do Hotel Majestic, fazendo uso do local para realização de ensaios, em meio a transição, durante a obra, antes mesmo de o prédio se transformar na Casa de Cultura Mario Quintana, conhecido atualmente como um grande Centro Cultural. Oliveira ficou sabendo através do secretário de cultura da época que o Hotel se transformaria em uma Casa de Cultura, e quando começaram as obras, Oliveira enfatizou: “Vamos começar a ocupar o nosso espaço, mesmo que este ainda não esteja pronto. Vamos nos fazer presente, para que quando ficar pronto termos acesso a este lugar”.

Nesse contexto, a elaboração (ou recriação) de modelos e recordações positivas e inspiradoras emerge como uma tática para empoderar grupos historicamente marginalizados, visando aprimorar sua situação sociocultural. Isso ocorre porque, além de a memória evocar uma interpretação presente do passado, este é reconstruído com base em perspectivas tanto individuais quanto coletivas (JESUS, 2015, p.7).

O grupo Semba, foi um marco para àquela geração. Período em que os negros não poderiam frequentar qualquer espaço de branco, era nestes espaços que as pessoas se sentiam pertencentes, representadas, tratadas com igualdade e respeito (NAIARA, 2023).

O grupo desempenhou um papel significativo ao preservar, promover e celebrar essa identidade. Ele serve como um lembrete vibrante da riqueza cultural, das tradições profundas e da resiliência que caracterizam a história do povo negro. O Semba não é apenas uma forma de arte; é uma afirmação de identidade (NAIARA, 2023).

Para ressaltar a fala de Naiara (2023), com relação às tradições, reconheceram na dança afro um instrumento de transformação social e política, potencializadora das ações ligadas ao movimento negro. Por intermédio desses movimentos, por meio da dança, da música, da poesia, do canto, em várias regiões do país, os negros puderam mostrar suas expressões. Essa investida consentiu às populações negras a afirmação da sua descendência, legitimando uma atitude política, além de serem formas de resistência, resgate e valorização das tradições ancestrais, elas também são uma expressão de identidade e pertencimento para as comunidades (SILVA,2019).

Como enfatizado por Reis (2003), essas situações confirmam a ideia de que a identidade negra não deve ser vista como algo pré-definido, mas sim como uma construção que deve ser entendida como um "processo identitário". O autor sustenta essa perspectiva ao argumentar que "a identidade étnica se reconstitui e reconfigura ao longo do processo histórico", destacando que não pode ser concebida como inata, completamente definida desde o início da história de um povo.

Segundo Carvalho (2000), as entrevistas proporcionam a obtenção de "certos elementos da memória oral, da história oral e da movimentação geográfica". Esses elementos podem ser empregados de maneira mais direta em análises instrumentais,

pois se encaixam com facilidade na formulação de histórias, podendo ser confrontados com a documentação da época" (CARVALHO, 2000, p. 61).

Os documentos disponíveis na UFRGS, referentes à história de Oliveira Silveira, por exemplo, reconhecem a importância das narrativas de Naiara, que testemunhou os acontecimentos da época.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do objetivo geral que busca discutir a importância da História oral para os acervos pessoais. Para atingir os objetivos busca-se realizar o levantamento documental no acervo de Oliveira Silveira voltado para o conjunto de documentos do grupo Semba, entende-se a importância da história documental e oral, para o conhecimento de acontecimentos passados.

Em relação aos processos de construção identitária do grupo pesquisado, pude perceber a importância do Semba na construção da identidade negra, a dança vai além de simples movimentos ritmados; ela representa uma forma poderosa de conexão com as raízes, resistência e celebração da própria existência.

Outrossim, percebi<sup>14</sup> a importância dos arquivos e acervos para a preservação da memória, que contribui para a perpetuação e disseminação dos repertórios formados pelos diversos discursos coletivos, consolidando e reforçando identidades.

A guarda de documentos emerge como uma precaução essencial para as organizações, tanto públicas, quanto privadas, representando o meio pelo qual podem validar o cumprimento de obrigações. Como previamente indicado, é um meio de prestar contas de suas atividades, desempenhando um papel crucial na colaboração para processos decisórios.

Outro ponto positivo significativo da pesquisa é que a história oral desempenha um papel fundamental na preservação da história, desenvolvendo as experiências e narrativas de pessoas comuns que muitas vezes são negligenciadas dos registros históricos convencionais. Enquanto documentos e arquivos oferecem uma perspectiva formal e muitas vezes institucionalizada, a história oral oferece uma janela única para vivências cotidianas, emoções e nuances da vida das pessoas.

Em primeiro lugar, a história oral dá voz à sociedade. Através de relatos orais, as histórias de comunidades, grupos étnicos, mulheres, e outros setores muitas vezes negligenciados ganham destaque, enriquecendo a compreensão da história, com perspectivas diversas.

Além disso, a história oral permite a preservação de tradições culturais e conhecimentos transmitidos de geração para geração. Com o avanço do tempo,

---

<sup>14</sup> Está em primeira pessoa, pois são percepções da própria autora.

muitas dessas tradições estão em risco de extinção devido a globalização e mudanças sociais. Documentar essas narrativas de forma oral, não apenas conserva o conhecimento, mas também ajuda a revitalizar e fortalecer as identidades culturais.

Outro aspecto fundamental é a humanização da história. Ao ouvir Naiara, eu que já admirava Oliveira Silveira, pude perceber ainda mais a sua importância na preservação dos direitos dos indivíduos e se torna uma experiência humana tangível. Isso cria empatia e compreensão, conectando as gerações presentes e futuras com o passado de uma maneira que os livros didáticos muitas vezes não conseguem alcançar.

Além disso, a história do grupo Semba mostrada em documentos, relatada por Naiara, preenche lacunas nos registros históricos formais, corrigindo distorções e incompletudes. Ela oferece uma visão holística e complementar aos documentos escritos, proporcionando uma compreensão mais completa e precisa dos eventos e das personalidades que marcaram época, que emociona quem ouve.

Sendo assim, através de fontes documentais e dos relatos de Naiara, percebi o Grupo Semba e a obra de Oliveira como um legado importante na preservação da riqueza e diversidade. Ao dar voz aos indivíduos comuns, preservar tradições culturais e humanizar os eventos históricos, ela enriquece nossa compreensão do passado e contribui para uma narrativa histórica mais inclusiva e autêntica.

Como sugestão para trabalhos futuros, espera-se que se pesquise mais sobre a história oral, e que a vida e a Obra de Oliveira Silveira sejam preservadas, principalmente o grupo Semba que representa vida, alegria e, principalmente, um sentimento de pertencimento ao povo negro.

## REFERÊNCIAS

ARQUIVOS PESSOAIS FRONTEIRAS. Organização José Francisco Guelfi Campos; Associação de Arquivistas de São Paulo. - São Paulo: ARQ-SP, 2020.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). CONARQ. Conselho Nacional de Arquivos. Classificação, temporalidade e destinação de documentos de arquivo; relativos às atividades-meio da administração pública. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001. Disponível em: <  
[http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/images/publicacoes\\_textos/Codigo\\_de\\_classificacao.pdf](http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/images/publicacoes_textos/Codigo_de_classificacao.pdf)>. Acesso em: 20 abr. 2023.

ANTUNES, Gilson. Mesa-redonda: Acervos arquivísticos. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 22, p. 171-185, 1987.

BELLOTTO, Heloísa. Arquivos permanentes: tratamento documental. 4. Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

CASTANHO, Denise Molon et al. Uma política de arranjo documental para a Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2021.

CARVALHO, José Jorge de. Revista Palmares, Brasília, DF, n. 5, 2000.

CASAGRANDE. Fernanda dos Anjos. Acervo dos negros na cidade de São Paulo. Um olhar para os registros da luta negro. São Paulo, 2019.

CAMPOS José Francisco Guelfi. Arquivos Pessoais Fronteiras, 2020.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Arquivos pessoais são arquivos. Revista do Arquivo Público Mineiro, v. 45, n. 2, p. 26-39, 2009.

CADERNOSNEGROS. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autores/28-critica-de-autores-masculinos/352-protestos-questionamentos-e-afirmacoes-na-poesia-de-oliveira-silveira-o-empenho-no-resgate-da-afro-brasilidade-critica>. Acesso em 10 de out. de 2023.

COSTA, Alex de Oliveira; RONCAGLIO, Cynthia. Diálogos entre as vertentes clássica, moderna e contemporânea da Arquivologia Em Questão, vol. 26, núm. 2, 2021 Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=465662940016>. Acesso em: 12 de out. de 2023.

COSTA, Icléia Thiesen Magalhães, Memória Institucional: A construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica, 1997. TESE DE DOUTORADO APRESENTADA AO CURSO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO- UFRJ.

CUNHA, M. B.; CAVALCANTI, C. R. O. Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia. Brasília: Briquet de Lemos, 2008. Apud MIRANDA Ana Cláudia Carvalho, GALLOTTI.

Mônica Marques Carvalho; CECATTO, Adriano. Disponível em: <[repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/27893/1/Desafios%20para%20a%20biblioteca%20pública%20no%20processo%20de%20planejamento%20da%20formação%20e%20desenvolvimento%20do%20acervo.pdf](http://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/27893/1/Desafios%20para%20a%20biblioteca%20pública%20no%20processo%20de%20planejamento%20da%20formação%20e%20desenvolvimento%20do%20acervo.pdf)> Acesso em: 14 de set. de 2023.

COOK, Terry. Terry Cook. Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/search/search?query=ARQUIVOS+PESSOAIS&dateFromYear=&dateFromMonth=&dateFromDay=&dateToYear=&dateTo65Month=&dateToDay=&authors=&title=&abstract=&galleyFullText=&suppFiles=&discipline=&subject=&type=&coverage=&indexTerms=>> Acesso em: 28 de out. de 2023.

CRIVELLI, R.; BIZELLO, . M. L. Institucionalização e trajetórias dos arquivos pessoais no Brasil. *Acervo*, [S. l.], v. 34, n. 1, p. 131–153, 2020. Disponível em: <<https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/1598>>. Acesso em: 29 jul. 2023.

DICIONÁRIO BRASILEIRO DE TERMINOLOGIA ARQUIVÍSTICA. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. 232p.; 30cm. – Publicações Técnicas; nº 51

DIAS, M. P. A contribuição da Visualização da Informação para a Ciência da Informação. 2007. Dissertação (Mestrado)-Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Pós-Graduação em Ciência da Informação, Campinas, 2007. Disponível em: <[http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde\\_arquivos/2/TDE-2007-08-02T080844Z1353/Publico/Mateus%20Pereira%20Dias.pdf](http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde_arquivos/2/TDE-2007-08-02T080844Z1353/Publico/Mateus%20Pereira%20Dias.pdf)> Acesso em: 22 de set. de 2023.

DIAS, G. D.; SILVA, T. E. CERVANTES, B. M. N. Política de desenvolvimento de coleções para documentos eletrônicos: tendências nacionais e internacionais. *Encontros Bibli*, Florianópolis, v. 17, n.34, p. 42-56, 2012. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/oliveirasilveira/obra/>>. Acesso em: 18 de nov. de 2023.

DELGADO, L. de A. N. História oral: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 135p. FREITAS, S. M. de. História oral: possibilidades.

DOMINGUES Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos, 2007. Disponível em: Artigos • Tempo 12 (23) • 2007 • Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-77042007000200007>>. Acesso em: 2 de dez. de 2023.

ELIAS, J.S. , J.; FERNANDES, T. M. CÓRDULA, A. C. C. Informação e memória: na trilha do arquivo pessoal. *Biblionline*, v. 14, n. 1, p. 57-66, 2018. DOI: [10.22478/ufpb.1809-4775.2018v14n1.37462](https://doi.org/10.22478/ufpb.1809-4775.2018v14n1.37462) Acesso em: 26 jun. 2023.

FREITAS, Sônia. Maria. de. História oral: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Disponível em:

<<https://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/531/529>>. Acesso em: 12 de nov. de 2023.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. CPDOC, 2023. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/acervo/arquivos-pessoais>> Acesso em: 10 de dez. de 2023.

GLOSSÁRIO DE TERMINOLOGIA ARQUIVÍSTICA. Disponível em: <[https://www.senado.leg.br/transparencia/SECRH/BASF/Anexo/A\\_03\\_2015\\_119434\\_8.pdf](https://www.senado.leg.br/transparencia/SECRH/BASF/Anexo/A_03_2015_119434_8.pdf)>. Acesso em: 03 de ago. de 2023.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007

GUIMARÃES Matheus Silveira,.DOS ESCRAVOS QUE VÃO POR MAR E POR TERRA: O COMÉRCIO ATLÂNTICO DE ESCRAVOS PARA AS CAPITANIAS DO NORTE E SUA DINÂMICA INTERNA (c 1654-c 1760), 2023. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/44151/1/TESE%20Matheus%20Silveira%20Guimar%C3%A3es.pdf>> Acesso em 02 de set. de 2023.

JESUS J. G. de. (2015). OLIVEIRA SILVEIRA NA UNB: MEMÓRIA COLETIVA E POLÍTICAS DE INCLUSÃO RACIAL. Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN), 7(15), 04–24. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/site/article/view/112>> Acesso em: 22 de dez. de 2023.

KUSCHICK, Mateus Berger. O SEMBA ANGOLANO PRÉ-INDEPENDÊNCIA (1961-1975): RELAÇÕES ENTRE MÚSICA E POLÍTICA. Florianópolis, Campus da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, 2015. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4099504/mod\\_resource/content/0/artigo.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4099504/mod_resource/content/0/artigo.pdf)> Acesso em 02 de jan. de 2023.

LOPES, B; RODRIGUES, G. Os arquivos privados na legislação brasileira: do anteprojeto da Lei de Arquivos às regulamentações do Conarq. Revista do Arquivo. Arquivo Público do Estado de São Paulo nº4, 2017. Disponível em: <[http://www.arquivoestado.sp.gov.br/revista\\_do\\_arquivo/04/artigo\\_01.php#inicio\\_artigo](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/revista_do_arquivo/04/artigo_01.php#inicio_artigo)>. Acesso em: 09 abr. 2021.

LOPES ;Elisângela. Protestos, questionamentos e afirmações na poesia de Oliveira Silveira: o empenho no resgate da afro-brasilidade, 2021. Disponível em: [.etras.ufmg.br/literafro/autores/28-critica-de-autores-masculinos/352-protestos-questionamentos-e-afirmacoes-na-poesia-de-oliveira-silveira-o-empenho-no-resgate-da-afro-brasilidade-critica](https://etras.ufmg.br/literafro/autores/28-critica-de-autores-masculinos/352-protestos-questionamentos-e-afirmacoes-na-poesia-de-oliveira-silveira-o-empenho-no-resgate-da-afro-brasilidade-critica).

LAKATOS, E. M. MARCONI, Maria de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. - São Paulo : Atlas, 2003.

MARCONDES, Carlos Henrique; KURAMOTO, Helio; TOUTAIN, Lidia Brandão; SAYÃO, Luis Fernando (Org.). Bibliotecas digitais: saberes e práticas. Salvador; Brasília: UFBA; IBICT, 2009. p. 115-149.

MACHADO, Sátira Pereira. Oliveira Silveira, o Poeta da Consciência Negra, 2019. Disponível em: <<https://lumina.ufrgs.br/course/view.php?id=86>>. Acesso em: 15 de dez. de 2023.

MACHADO, Sátira; SILVEIRA, Naiara; BRITO, Alan dos SANTOS, Thales. Inauguração da Sala Oliveira Silveira. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/265260>> Acesso em: 28 de dez. de 2023.

MARTINELLI. Maria Lúcia HISTÓRIA ORAL: EXERCÍCIO DEMOCRÁTICO DA PALAVRA, 2018.

MICHEL, Johann. Podemos falar de uma política de esquecimento? Memória Revista Memória em Rede, Pelotas, v.2, n.3, 177-4129 Disponível em: <[www.ufpel.edu.br/ich/memoriaemrede](http://www.ufpel.edu.br/ich/memoriaemrede)>. Acesso em: 15 de dez.

NASCIMENTO OLIVEIRA. Juccia Nathiele. DO CONTRIBUIÇÕES PARA O APRIMORAMENTO DO ACESSO E VISUALIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO EM REPOSITÓRIOS INSTITUCIONAIS, 2015. Disponível em: <[https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/13988/1/disserta%c3%a7%c3%a3o\\_Juccia\\_posDefesa\\_final05032015%20II.pdf](https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/13988/1/disserta%c3%a7%c3%a3o_Juccia_posDefesa_final05032015%20II.pdf)> Acesso em 10 de set. de 2023.

OLIVEIRA Silveira. Semba. Danças Negras do Rio Grande do Sul. Disponível em: <[https://www.ufrgs.br/dancanegrars/?page\\_id=10](https://www.ufrgs.br/dancanegrars/?page_id=10)> Acesso em 02 de jan. de 2024.

POSNER, E. Alguns aspectos do desenvolvimento arquivístico a partir da revolução francesa. Acervo - Revista do Arquivo Nacional, v. 26, n. 2, p. 273-284, [????]. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/41382>>. Acesso em: 20 jul. 2023.

PORTELLI, A. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luta e senso comum. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia. Fundação Nacional Pró-Memória. In: \_\_\_\_\_. (Orgs.). Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. (verbete).

RODRIGUES, Georgete Medleg. Legislação de acesso aos arquivos no Brasil: um terreno de disputas políticas pela memória e pela história. Acervo, v. 24, n. 1, p. 257-286, 2011.

RODRIGUES; Pablo Fernando Jerônimo de Souza. História oral como técnica para o arquivista na construção do arranjo documental. Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado à coordenação de curso de Arquivologia da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/1313/1/PFJSR270916.pdf>> Acesso em: 20 de nov. de 2023.

RODRIGUES. Aldair. Unicamp referência em preservação da memória negra, 2023. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2022/11/14/projeto-faz-da>>

[unicamp-referencia-em-preservacao-da-memoria-negra](#)> Acesso em: 02 de nov. de 2023.

ROCHA, J. G. da Silva, C. da C. (2015). A TRANSMISSÃO DO CONHECIMENTO NAS CULTURAS POPULARES DE MATRIZES AFRICANAS. Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN), 7(15), 240–254. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/site/article/view/123>>. Acesso em: 22 de dez. de 2023.

RONALD FRASER, was the leading oral historian of twentieth-century Spain. The history Newspaper, 2006.

RONALD AUGUSTO. A obra de Oliveira Silveira e também sobre a representatividade de autores negros na literatura. Disponível em: <https://www.upf.br/noticia/quando-o-racismo-for-vencido-a-literatura-de-oliveira-silveira-ainda-vai-ser-importante> Acesso em: 04 de jan. de 2023.

REVISTA MEMÓRIA EM REDE, Pelotas, v.2, n.3, ago.-nov. 2010 – ISSN- 2177-4129) Institucionalização e contestação: as lutas do Movimento Negro no Brasil (1970-1990) |

SANTOS Marcelo Kunrath. SILVA. Leonardo Rafael Leitão. Institucionalização e contestação: as lutas do Movimento Negro no Brasil (1970-1990), 2017.

SILVA, João P. F. Da Do Semba ao Samba: A história, a cultura e a produção de um carnaval como instrumento na prática educativa da geografia. Uma abordagem interdisciplinar. 35f. TCC (Graduação em Licenciatura em Geografia) Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2021.

SILVA Lizardo. Danças Negras. Identidade de um Povo. Revista Nova Era, Rio de Janeiro, 2019.

SILVEIRA LACERDA, Naiara. Coletivo Sopapo Poético. Disponível em:<<https://artsandculture.google.com/story/BqXRJakjmcizKA?hl=pt-BR>>. Acesso em 16 de dez. de 2023.

SILVEIRA. Marieta. FRÓES Jorge . ROCHA,Lilian , BARCELOS, Kyzzy , RODRIGUES Vladimir, FARIAS Fátima e BORGES,Sidnei. Grupo Palmares.Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/story/BqXRJakjmcizKA?hl=pt-BR>> Acesso em: 17 de dez. de 2023.

TATAGIBA, Adler dos Santos. ARQUIVO E ACERVO: UMA REFLEXÃO EPISTEMOLÓGICA PARA A MUSICOLOGIA HISTÓRICA. CONEP, 2017. IV CONGRESSO DE PESQUISA E EXTENSÃO.

WOLFF, Mauricio Wolff, MACHADO, Sátira Machado. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/oliveirasilveira/obra/>> Acesso em: 15 de dez. de 2023.

VAZ. Jeferson Martins. IDENTIDADE CAMPONESA NO MOVIMENTO DOS PEQUENOS AGRICULTORES DO BRASIL: PERSPECTIVAS DESDE A HISTÓRIA ORAL. Foz do Iguaçu 2019

Orixás: pinturas e poemas. 2ed. Porto Alegre: SMC/Coord. do Livro e Liter./UEPA, 2000.[série Petit POA] 1 ed. Porto Alegre: SMC/Coord. do Livro e Liter./UEPA, 2000.[série Petit POA]

RANGEL, K., & SILVA, M. C. S. de M. e. (2021). Princípios e características de documentos arquivísticos: algumas questões terminológicas. *Arquivologia Em Debate*, 31(62), 1–21. Disponível em: <<https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/946>> Acesso em: 28 de dez. de 2023.

**APÊNDICE 1- Termo Livre Esclarecido****TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC  
AUTORIZAÇÃO DE UTILIZAÇÃO DE INFORMAÇÕES**

Nome completo do(a) entrevistado(a): NAIARA RODRIGUES SILVEIRA LACERDA

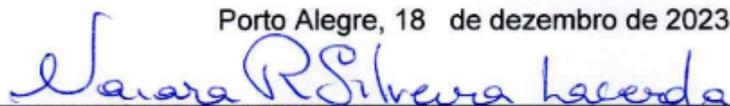
Documento de identidade: 1008156596

Autorizo o(a) estudante Daiane Maciel Matias, regularmente matriculado no Curso de Arquivologia da Faculdade de Biblioteconomia de Comunicação/UFRGS, sob o número (cartão UFRGS) 00302964, a utilizar as informações por mim prestadas na elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado: **FUNDO DOCUMENTAL OLIVEIRA SILVEIRA: O ACERVO PESSOAL E O USO DA HISTÓRIA ORAL COMO COMPLEMENTO**

**ÀS INFORMAÇÕES CONTIDAS NO FUNDO DE ARQUIVO**, e elaborado sob a orientação do(a) Prof.(a) Valéria Raquel Bertotti.

Fui esclarecido(a) sobre a natureza do trabalho e que as informações coletadas serão utilizadas com fins exclusivamente acadêmicos.

Porto Alegre, 18 de dezembro de 2023.



Assinatura do entrevistado

**APÊNDICE 2- Roteiro da entrevista**

1. Como se deu o processo de institucionalização do acervo até o encaminhamento para a memória da Faculdade de Educação da UFRGS?
2. Quais as intervenções já realizadas no acervo de Oliveira Silveira?
3. Qual a finalidade da Fundação do Grupo Semba?
4. O que representou o Grupo Semba?
5. Quem eram os participantes?
6. Onde ele foi estabelecido?
7. Qual a importância do Semba para o para a comunidade negra?
8. Como documentos relacionados a divulgação das oficinas oferecidas pelo grupo, documentos de avaliação das apresentações, assim como as solicitações de espaços para o desenvolvimento do trabalho do grupo, período de atividade do grupo Semba, e quantidade de pessoas que passaram pelo grupo durante o período de sua existência?

## APÊNDICE 3- ISAAR CPF

### **1. Área de Identificação:**

**Tipo de Entidade:** Entidade Coletiva

**Forma (s) autorizada (s) do nome:** Grupo Semba

**Outras Formas autorizadas do nome:** Grupo Cultural Semba

**Formas normalizadas do nome de acordo com outras regras:** Semba

### **2. Área de descrição:**

**Data de existência:** 1979 a 1996

**História:** Criado em 1979, o grupo Semba passou a ser um dos principais projetos criados por Oliveira Silveira após a extinção do Grupo Palmares em 1978. Tratava-se de um grupo amador que tinha como objetivo, o resgate e disseminação da cultura negra, principalmente em território gaúcho, através de manifestações artísticas. Tinha também como propósito, vivenciar tradições culturais negras colocando em prática o conhecimento adquirido através da pesquisa. O Semba passou a ser uma das principais bases da Associação Negra de Cultura, fundada na Capital em 1987. As apresentações incluíam danças negras tradicionais do Brasil, como jongo, o samba de roda baiano, o maçambique de Osório - RS, o semba de Angola, e coreografias baseadas em músicas negras da atualidade. Os textos de escritores negros também faziam parte dos espetáculos. Consistia em pesquisa, apresentação de dança, música, literatura e outras artes. Muitas atividades foram desenvolvidas durante a existência do grupo, sempre com temáticas voltadas para diferentes contextos em que a população negra estava inserida. Havia uma base teórica direcionada para as músicas e danças que faziam parte do repertório do grupo, especificando origens e significados. Assim como nas apresentações teatrais. O Semba ofertava cursos relacionados a questões políticas e sociais relativas ao povo negro e a sociedade, temas voltados para o preconceito, racismo, discriminação, luta de classes, sistema político e econômico. O Movimento Negro brasileiro, estadunidense, uruguaio etc. O

Negro no Rio Grande do sul, no esporte. Assim como, discussões sobre o contexto em qual a mulher negra está inserida na sociedade.

Os espaços previstos para apresentações do grupo eram os clubes negros, associações de bairros, escolas de samba, encontros promovidos por grupos negros, estabelecimento de ensinos dentre outros. Foram muitos os eventos em que o Semba esteve presente ao longo de sua existência, a estimativa é que em média, quarenta pessoas fizeram parte do grupo. No acervo de Oliveira é possível encontrar informações a respeito de projetos de suma importância realizada pelo grupo, a exemplo, o Projeto Resgate, tido como experiência de solidariedade social, onde foi desenvolvido um trabalho com internos do Instituto Central de Menores da FEBEM e o Instituto Educacional Feminino entre setembro de 1987 e janeiro de 1988. Trabalho com coreografias baseadas em música negra estrangeira, moderna e danças tradicionais, samba de roda e o Maçambique. O critério para fazer parte do grupo era através de convite, mediante a participação assídua do candidato e a aprovação do conjunto. As divulgações eram feitas por Oliveira, também pelos demais componentes, o modo, muitas vezes na boca a boca e através de panfletos que eram distribuídos. Quanto aos encontros, como o grupo não tinha uma sede própria, ensaiavam em espaços cedidos temporariamente, inclusive, durante a transição do Hotel Majestic, atual Casa de Cultura Mario Quintana, o grupo realizou muitos ensaios em meios aos escombros, lugar onde mais tarde passou a ser um espaço de apresentações do trabalho realizado pelo Semba.

Os participantes do Semba proporcionaram à comunidade uma oportunidade de afirmar e celebrar sua identidade cultural. Em um contexto em que a população negra muitas vezes enfrenta estereótipos e discriminação, o grupo ofereceu espaço para a expressão autêntica da cultura negra, promovendo o orgulho e a autoestima, sendo como um ponto de encontro para esta comunidade, proporcionando um espaço para a construção de laços sociais e solidariedade.

**Funções, ocupações e atividades:** Desenvolvimento de oficinas de dança, coreografias, percussão, teatro. Música; Prática de ginástica saudável, lazer recreativo. Cursos de conhecimento voltados para questões da população negra em um contexto geral.

**Contexto Geral:** Se tratando do contexto histórico voltado para esta temática, o cenário foi marcado por grandes manifestações de movimentos sociais no território brasileiro, o período concentra o final de um governo autoritário e o início do governo de um presidente civil.

Oliveira Silveira desempenhou um papel fundamental com as diversas formas de enfrentamento de que se utilizava para combater o preconceito racial. Desde as manifestações culturais através do conjunto de ações realizadas pelo grupo Semba, até sua escrita que denunciava o racismo velado sofrido por parte de negros e negras.

Foi preciso também, em sua campanha, no reconhecimento do vinte de novembro como Dia Nacional da Consciência Negra no Brasil, por meio de sua participação ativa no MNU (Movimento Negro Unificado), restaurado com o final da ditadura militar.

A reestruturação do movimento ficou marcada pela manifestação histórica que reuniu milhares de pessoas na escadaria do Teatro Municipal de São Paulo, em 1978. O manifesto foi motivado devido a uma série de crimes praticados contra a população negra, muitas pessoas foram alvo de torturas e assassinatos.

Ao longo dos anos, durante e após o período ditatorial, o movimento desempenhou um papel fundamental na luta por pautas que visam o fim da discriminação racial no país. Paralelo a outras ações desempenhadas por ele, Oliveira posteriormente ingressou no MNU - RS (Movimento Negro Unificado - Núcleo RS), entidade com atuação nacional.

Sabe-se que a discriminação racial é um fenômeno persistente e preocupante que continua afetar muitas pessoas em todo o mundo, mesmo atualmente. Apesar dos avanços em termos de direitos civis e conscientização, o preconceito persiste, tendo ele diversas faces, se apresenta em diferentes contextos sociais, políticos e econômicos,

**3. Área de Relacionamento: Nomes/Identificadores das entidades coletivas, pessoas ou famílias relacionadas:**

|          | Relacionamento  | Categoria   | Data           | Descrição  |
|----------|---|-------------|----------------|--|
| <b>1</b> | Oliveira Ferreira da<br>Silveira                      | Associativo | 1979 a<br>1996 | Coordenador,<br>Componente<br>do grupo                               |
| <b>2</b> | Naiara Rodrigues Silveira                             | Associativo | 1979 a<br>1996 | Coordenadora,<br>componente<br>do grupo                              |
| <b>3</b> | Associação Negra de<br>Cultura/<br>92.248.509/0001-76 | Hierárquico | 1987 a<br>1996 | Vinculado à<br>Associação<br>Negra de<br>Cultura a partir<br>de 1987 |

**1. Área de Identificação:**

**Tipo de Entidade:** Pessoa

**Forma (s) autorizada (s) do nome:** Oliveira Ferreira da Silveira

**Outras Formas autorizadas do nome:** Oliveira Silveira

**2. Área de descrição:**

**Datas de existência:** 1941 a 2009

**História:** Filho de Felisberto Martins Silveira e Anair Ferreira, Oliveira Ferreira da Silveira nasceu em 1941 em Rosário do Sul, na fronteira oeste do estado do RS. Em Rosário, Oliveira chegou a atuar como locutor na rádio Marajá e publicou poemas em um jornal de circulação da cidade.

Viveu em Rosário até o término do ginásio, mudando-se para Porto Alegre no final da década de 1950. Já em solo gaúcho, estudou no Colégio Júlio de Castilhos, no mesmo período em que trabalhou na editora Globo.

Em 1962 ingressou na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde graduou-se em letras, português e francês. Inclusive, conheceu Julieta Rodrigues, mãe de sua única filha, Naiara Rodrigues.

Oliveira atuou como professor, escritor, historiador, pesquisador, dentre outras frentes, teve dez obras individuais publicadas, além disso, participou de coletâneas e antologias.

À título de exemplo, em relação aos exemplares, podemos citar, “Germinou” em 1962, “Poemas Regionais” 1968, “Banzo, Saudade Negra” (1970), “Décima do Negro peão” (1974), “Praça da Palavra” (1976), “Pêlo Escuro” (1977), “Roteiro dos Tantãs” (1981), “Poema sobre Palmares” (1987).

Teve participação na imprensa, onde contribuiu com artigos e reportagens e alguns contos. Premiado por muitas vezes ao longo de sua carreira, recebeu em 1999 o troféu Zumbi, concedido pela Associação Satélite Prontidão, instituição criada com o intuito de auxiliar a cultura e o conhecimento de famílias negras. Foi homenageado no segundo Congresso de Pesquisadores Negros em 2002, na Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), como supracitado, dentre outras honras que recebeu.

Na década de 1970, Oliveira integrou outros grupos, como Razão Negra, Revista Tição, Grupo Semba, e presidiu a Associação Negra de Cultura. Integrou a Comissão Gaúcha de Folclore, assim como foi Conselheiro da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República – SEPPIR/PR, integrando, nesse órgão com status de ministério, o Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial – CNPIR, órgão consultivo, período 2004-2008.

**Funções, ocupações e atividades:** Escritor, pesquisador, Docente, Ativista do Movimento Negro, poeta, integrante comissão Gaúcha de Folclore, Conselheiro da

Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República – SEPPIR/PR

**3. Área de Relacionamento:**

**Nomes/Identificadores das entidades coletivas, pessoas ou famílias relacionadas:**

|   | Relacionamento  | Categoria   | Data                          | Descrição                              |
|---|---|-------------|-------------------------------|--|
| 1 | Naiara Rodrigues<br>Silveira  | Familiar    | 1969 a 2009                   | Filha                                  |
| 2 | Colégio Estadual<br>Júlio de Castilhos  | Associativo | Década de 1960                | Estudante                              |
| 3 | Universidade<br>Federal do Rio<br>Grande do Sul<br>(UFRGS)  | Associativo | 1969 a 2009                   | Discente                               |
| 4 | Colégio Estadual<br>Cândido José de<br>Godoy  | Associativo | Década de 1970,<br>após 1965? | Professor                              |
| 5 | Grupo Palmares  | Associativo | 1971 a 1978                   | Componente do<br>grupo                 |
| 6 | Grupo Semba   | Associativo | 1978 a 1996                   | Coordenador/<br>Componente do<br>grupo |
| 7 | Associação<br>Negra de Cultura  | Associativo | 1987 a 2009                   | Fundador/<br>Membro                    |
| 8 | Secretaria<br>Especial de<br>Políticas de<br>Promoção da<br>Igualdade Racial<br>da Presidência da | Associativo | 2004 a 2008                   | Conselheiro                            |

|  |                           |  |  |  |
|--|---------------------------|--|--|--|
|  | República –<br>SEPPIR/PR. |  |  |  |
|--|---------------------------|--|--|--|